



Universidade Estadual de Londrina

CRISTIANE DE OLIVEIRA TOKAIRIN

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DEKASSEGUIS

Londrina – PR
2010

CRISTIANE DE OLIVEIRA TOKAIRIN

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE KASSEGUIS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, do Departamento de Educação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina.

Orientação:
Professora Maria Luiza Macedo Abbud

Londrina - PR
2010

CRISTIANE DE OLIVEIRA TOKAIRIN

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE KASSEGUIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora
Professora Maria Luiza Macedo Abbud
Universidade Estadual de Londrina

Professor Celso Luiz Junior
Universidade Estadual de Londrina

Professora Marta Regina Gimenez Favaro
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de outubro de 2010.

DEDICATÓRIA

*A Deus, que está sempre presente,
iluminando e guiando meus passos e
minha vida.*

*E à minha família, especialmente aos
meus dois grandes amores:*

Cassio Marcelo e Bárbara Virgínia.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me provou mais uma vez que “tudo posso naquele que me fortalece”.

A minha família que sempre esteve presente, apoiando, ajudando. Vocês foram fundamentais para que eu conseguisse conciliar os estudos com a benção de ser mãe.

Aos professores do Curso de Pedagogia, que contribuíram cada um com sua particularidade na construção da minha identidade enquanto profissional da educação.

A minha orientadora Maria Luiza, que me “adotou” e ajudou muito num momento tão importante da realização deste trabalho.

A Turma 1000 e as minhas amigas: Célia, Danielle e Janifer que formaram comigo um quarteto inesquecível.

TOKAIRIN, Cristiane de Oliveira. **A Educação das Crianças Dekasseguis**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina. 2010.

RESUMO

Este trabalho aborda aspectos da educação de crianças brasileiras que nasceram ou viveram no Japão durante alguns anos e que regressaram ao Brasil, tendo que enfrentar mudanças extremas e inserção numa nova sociedade com uma cultura e idioma totalmente diferentes e em uma situação adversa à que estavam habituadas. Com o objetivo de verificar como tem sido a adaptação das crianças na escola, onde estão suas maiores dificuldades e como a família e as escolas têm lidado com essa situação utilizamos três fontes de dados. O ponto de partida foram as informações coletadas no Simpósio Internacional Sobre Dekassegui, que ocorreu na cidade de Londrina – PR em 01 de novembro de 2008, na sequência foram coletadas informações com dois grupos de protagonistas deste processo. O primeiro grupo, profissionais da educação, forneceu informações que permitiram caracterizar o contexto escolar das crianças de kasseguis no Japão e no Brasil. Estes dados, coletados em entrevistas não estruturadas, foram registrados e tomados como uma das referências para a coleta de depoimentos nos moldes da História Oral. Completando a investigação, foram colhidos depoimentos de representantes de duas famílias de kasseguis. Os resultados possibilitaram levantar algumas questões para reflexão que poderão auxiliar na busca de soluções e direcionamento por todos que se encontram envolvidos neste contexto.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Crianças de kasseguis; Família e escola.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	8
<i>1 CONSTRUINDO O CONTEXTO</i>	11
1.1 Metodologia	14
<i>2 A visão dos profissionais envolvidos neste contexto</i>	17
2.1 Aspectos da educação das crianças dekasseguis no Japão.....	17
2.2 Aspectos da educação das crianças dekasseguis ao retornar para o Brasil ...	22
<i>3 EXPERIÊNCIAS DE DUAS FAMÍLIAS</i>	25
3.1 Vivência no Japão e a preocupação com a educação dos filhos	25
3.2 O Regresso	30
3.3 A readaptação e as estratégias encontradas pelas duas famílias para facilitar este momento.....	31
3.4 Estabelecimentos de relações	36
3.5 Pontos positivos e negativos desta experiência na visão das famílias	37
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	41
<i>REFERÊNCIAS</i>	44
<i>ANEXOS</i>	45

INTRODUÇÃO

Foi durante o período de oito anos em que vivi no Japão, que aos poucos foi surgindo a minha preocupação com a educação das crianças brasileiras que vivem fora de seu país de origem.

Como dekassegui, recém-casada e com planos de construir uma família; passei a analisar a situação das crianças brasileiras: tanto das que nascem no Japão como a das que partem do Brasil junto com suas famílias, tendo que enfrentar uma mudança extrema e inserção numa nova sociedade com uma cultura e idioma totalmente diferentes e numa situação adversa à que estavam habituadas; essas mesmas crianças depois de um tempo retornarão ao seu país de origem e novamente terão que se adaptar.

Através de círculos de amizade, familiares, das notícias que chegavam através da mídia, e do contato próximo com uma escola brasileira da cidade em que vivia, onde minha irmã lecionava; conheci de perto muitas histórias que relatavam as diversas faces da situação educacional destas crianças.

Embora existam aqueles que se adaptam logo, que aprendem com facilidade o idioma, que chegam até a ingressar numa faculdade japonesa, a grande maioria enfrenta uma dificuldade enorme, muitos acabam evadindo da escola e são inúmeras as causas e as consequências deste problema.

A convivência com tudo isto foi me instigando a estar mais envolvida com a Educação, e, ao retornar ao Brasil, logo ingressei no curso de Pedagogia; pretendo, então, poder unir todo o conhecimento que venho adquirindo no curso, às experiências que tive no Japão para poder realizar esta pesquisa.

Segundo o Parecer CNE/CEB 11/1999:

Os 36.161 brasileiros na faixa de 5 a 19 anos de idade, crianças, adolescentes e jovens, precisam iniciar ou continuar os estudos, de modo a completar o ensino fundamental ou mesmo o médio. Apenas 7.500 deles (dados do MEC, de fevereiro de 1998), se acham matriculados em escolas do sistema japonês, com as compreensíveis dificuldades de uma língua que não falam e que, obviamente, não escrevem. Desses, os mais novos acabam

aprendendo, aos poucos, alguma forma de comunicação, que costuma levá-los a esquecer da língua pátria. A consequência é a dificuldade de entendimento com os próprios pais que, em sua maioria, saem cedo para o trabalho e só retornam quando os filhos estão dormindo. Da perda dessa capacidade de entendimento com os pais, a consequência seguinte é a perda do cultivo das raízes brasileiras, com graves problemas no regresso ao Brasil (o que acontece com a maioria das famílias), quando acabam por se sentirem estrangeiros no próprio país (p.4 e 5). Dos cerca de 23 mil restantes, uma parte frequenta escolas brasileiras instaladas em diferentes áreas do país. Há os que, já mais jovens, também trabalham, concorrendo para o aumento do orçamento familiar, sem tempo para o estudo regular. Finalmente, há os que nem estudam nem trabalham. Lamentavelmente, são os que vêm aumentando as estatísticas do ingresso no campo da delinquência. (p.5)

Mesmo diante desta preocupante realidade, decorreram-se mais de 20 anos do início do “movimento de kassegui” e ainda quase não é possível encontrar autores que tratem do assunto, principalmente no que se relaciona à Educação. Portanto, o estudo pretende contribuir com a mudança deste quadro, afinal, atualmente milhares de brasileiros residem no exterior; a educação é o principal instrumento para promover também a facilitação de reinserção desta população, caso retornem ao Brasil. Os professores, a equipe pedagógica, enfim, a escola deve estar preparada para atender esses alunos em ambas as situações. Essa necessidade já vem sendo sentida em instituições dos dois países. Conforme algumas notícias divulgadas sobre o assunto, no Brasil recentemente o governo do Estado de São Paulo, lançou um programa inédito de adaptação na rede pública escolar.

Os de kasseguis chegam com família constituída, incluindo filhos nascidos no Japão. O objetivo do programa é facilitar a adaptação dos pequenos japoneses que entram na rede estadual paulista ou dos brasileiros que passaram algum tempo no Japão. (...) As crianças muitas vezes não dominam a língua portuguesa e não conhecem a cultura brasileira. A partir de agora vamos identificar estes alunos e atuar na adaptação deles. Temos a estrutura e contaremos com profissionais específicos para este trabalho. (CURY, 2008)

No Japão a Escola Primária Mizuho é uma das que reúne mais estrangeiros em seu quadro de alunos.

Nair Mikino Saito, brasileira formada em licenciatura, trabalha nesta escola desde 1998 e sua função atual é de professora de apoio de

estudos. “A escola antes não tinha estrutura para apoiar os alunos que não entendiam o idioma japonês, mas hoje temos um apoio muito bom e os avisos importantes são traduzidos para a língua-pátria” afirma Nair. “Os alunos que necessitam de aula de apoio frequentam de três a seis aulas semanais, em pequenos grupos, para aprender o idioma japonês e acompanhar as aulas normais. A essa classe especial chamamos de *nakayoshi kyooshitsu* e são ministradas durante o período normal das aulas”. (ARASHIRO, 2007)

É nesta perspectiva que esta pesquisa pode contribuir para um melhor conhecimento do assunto pela sociedade, levantando uma reflexão sobre os inúmeros problemas que temos com a educação desta grande parcela de brasileiros que vivem fora do país, neste caso especificamente no Japão, partindo da importância de se garantir o acesso à educação e de forma adequada.

Portanto este trabalho tem como objetivo pesquisar sobre como tem sido a educação das crianças brasileiras que moram no Japão e principalmente como tem se dado a readaptação destas crianças ao retornarem para o Brasil.

Identificando:

- Onde estão as maiores dificuldades destas crianças.
- Como as escolas, ou seja, como os profissionais da educação têm lidado com este contexto.
- A visão da família com relação a esta situação.

1 CONSTRUINDO O CONTEXTO

Para poder compreender todo o contexto que envolve o assunto a ser estudado, é necessária uma abordagem histórica desde o início do movimento de migração dos brasileiros ao Japão até chegarmos ao problema que direciona esta pesquisa: a preocupação com educação das crianças dekasseguis. Segundo Sasaki:

Nos meados da década de 80, o Brasil vivenciou uma das suas maiores crises – social política e econômica – contribuindo para a evasão de muitos brasileiros para o exterior. Dentre esses, os descendentes de japoneses têm o Japão como seu país de destino na trajetória migratória, para trabalhar como mão-de-obra barata e não qualificada, sendo chamados de *dekasseguis*. (SASAKI, 1998, p.577)

O tempo foi passando e esta migração que, inicialmente, era temporária passou a ser definitiva para muitas famílias. Se no início deste processo a maioria dos migrantes eram homens e sozinhos, com o tempo famílias inteiras passaram a migrar atrás de uma estabilidade financeira e de acordo com Beltrão (2006, p.64): "Os brasileiros que vivem no Japão constituíram nos dois últimos censos, o terceiro maior contingente de estrangeiros, quase equivalentes em número aos chineses". O autor apresenta ainda como resultados de parte de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de Dekasseguis), a existência de uma grande barreira à adaptação dos dekasseguis no Japão relacionada principalmente à língua e aos costumes.

Neste contexto Kawamura (2008) explica que em duas décadas de migração de brasileiros ao Japão podem-se apontar mudanças nas formas de inserção dos migrantes no trabalho, na vida social, cultural e escolar de forma diferenciada e desigual, trazendo-nos à tona uma questão fundamental relativa à inserção dessas pessoas como cidadãos:

"Cada país é regido por sua própria legislação, interesses, valores e condições econômicas, sociais, culturais e políticas e no caso particular do Brasil e Japão, há uma distância historicamente construída, não somente geográfica, como também cultural, social e

política, que interfere nas relações internacionais entre ambos os países” (KAWAMURA, 2008, p.81).

O Parecer CNE/CEB 11/1999 afirma que:

“Não se pode deixar sem registro, que essa imensa comunidade brasileira no Japão tem representado um forte e significativo elo no relacionamento entre os dois países, adensando a corrente de intercâmbio econômico-comercial e cultural que marca cada vez mais essas relações”. (1999, p.3)

Mas completa em seguida que tal corrente imigratória também gera problemas que precisam ser apontados e entre os principais cita que:

(...) no caso dos trabalhadores brasileiros que, cada vez mais, vão para o Japão acompanhados de suas famílias, um dos problemas mais prementes é o da educação das crianças brasileiras ali residentes, onde a principal barreira para o acesso ao sistema escolar e à integração nele é a língua. (1999, p.03)

Toda essa discussão nos introduz a um problema específico, relacionado à educação das crianças de kasseguis.

Muitos pais estão adiando o que não pode ser adiado. Não importa se vão ficar um mês ou dois anos ou se vão acabar morando definitivamente em outro país. É preciso que haja consciência por parte deles em proporcionar uma formação em todos os sentidos para seus filhos. E o que vemos é uma inversão de valores, uma perspectiva de futuro que substitui o “ser” pelo “ter”.

Muitas crianças acabam ficando em casa enquanto os pais trabalham. Não frequentam escolas japonesas por não se adaptarem ao idioma e à cultura; existe também o problema do bullying. Em algumas cidades do Japão existem escolas brasileiras, no entanto os brasileiros estão espalhados por diversas regiões que ainda não contam com estes recursos.

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11/1999 (5.2)

“Existem no Japão, presentemente, dezessete escolas brasileiras, com variados graus de organização e de propósitos, desde as que oferecem apenas algum tipo de atendimento a crianças pequenas, em idades correspondentes às da educação infantil, até as que se dedicam a ministrar currículos tão próximos dos ministrados em nossas escolas de ensino fundamental ou médio, na forma do ensino

regular presencial. No que diz respeito a estas últimas, as que buscam ministrar o ensino presencial, o que lhes falta é a norma específica, capaz de assegurar-lhes, à vista do preenchimento de adequadas condições, a validação do ensino ministrado, para fins de prosseguimento de estudos, especialmente no caso do retorno ao Brasil, propósito presente na mente da grande maioria dos dekasseguis brasileiros.” (1999, p. 7).

O não reconhecimento do ensino ministrado pelas escolas brasileiras no Japão foi durante algum tempo, pretexto para não matricular seus filhos nestas instituições, porém já houve uma retificação do Parecer CNE/CEB 25/2003, que trata do Funcionamento de Escolas para Brasileiros no Japão.

“§3º Os alunos procedentes de estabelecimentos de ensino sediados no Japão, cujo ensino por eles ministrado for considerado válido pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação em território brasileiro, terão seus certificados de conclusão do ensino fundamental e do ensino médio aceitos no Brasil para todos os fins e direitos, em total equivalência com os alunos das escolas nacionais em funcionamento no Brasil”. (2003, p.8)

O que ainda vem sendo uma “desculpa” são os altos custos da mensalidade que também não justifica essa falta de responsabilidade por parte dos pais, afinal se eles optaram migrar para outro país e levar junto toda a família, é obrigação garantir aos filhos o direito de estudar. Beltrão aborda este assunto:

“A mídia japonesa levanta frequentemente o problema de delinquência juvenil entre os brasileiros no Japão, o que muito provavelmente está ligado a estes indivíduos mais jovens que não trabalham e não conseguiram (ou não quiseram) se inserir no sistema educacional japonês. As escolas brasileiras no Japão são comparativamente mais caras, mas é a única saída para aqueles que chegaram ao Japão com idade superior à de alfabetização e sem o conhecimento do idioma falado/escrito japonês. Como várias das famílias de brasileiros consideram transitória a sua situação no Japão, não se esforçam para inserir os filhos no sistema escolar”. (BELTRÃO, 2006, p.67)

Hashimoto salienta que:

Uma vez que a obrigatoriedade da escolarização básica (até o curso ginásial do sistema escolar japonês) para a população nipônica não se estende aos estrangeiros residentes no país, o acesso à educação também constitui-se numa questão de opção individual, o que facilita a desistência da escolarização dos filhos, a qual ocorre

por motivos variados. A crescente presença de crianças e adolescentes, inclusive aqueles nascidos no Japão, põe em destaque a questão da desescolarização e do “abandono” de menores e da violência infanto-juvenil, que vem ocorrendo acentuadamente entre os migrantes brasileiros. Mesmo a crescente instalação de escolas brasileiras não consegue solucionar essa exclusão, principalmente por seu alto custo para os trabalhadores. (HASHIMOTO, 2008, p.88)

Outro ponto muito importante ressaltado pelo autor é que:

Em face dos desafios da vivência no Japão, ressalta-se o caráter “temporário” e “efêmero” da estada dos brasileiros na condição de migrantes internacional, na medida em que as “soluções” para as questões básicas como a educação dos filhos, moradia definida, atenção à saúde, organização familiar passam a ser proteladas para um futuro no país de origem. Paradoxalmente, quando já de volta ao Brasil, por enfrentar dificuldades na readaptação, o olhar do migrante volta-se novamente para o Japão, onde pensa poder resolver aquelas questões fundamentais, e assim sucessivamente. (HASHIMOTO, 2008, p.89)

Beltrão explica em sua pesquisa que:

Ao indagar sobre a necessidade de apoio quando do retorno ao Brasil, a maioria declarou precisar de algum tipo de apoio (89,6% dos homens e 91,2% das mulheres). Menos de 10% afirmam nunca ter pensado neste assunto (10,4% dos homens e 8,8% das mulheres). A maior incidência ocorreu para cursos formativos para abertura de negócios, seguidos de adaptação ao país. Filhos parecem ser uma maior preocupação entre as mulheres; 25% declaram precisar de apoio contra 11% dos respondentes masculinos. (BELTRÃO, 2006, p.83).

É preciso então levantar uma reflexão que possa buscar soluções e direcionamento por parte dos familiares e das escolas envolvidas nesta situação e esta é a pretensão deste trabalho.

1.1 Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é baseada na Fenomenologia, já que segundo Masini (2006, p.66): “As pesquisas de enfoque

fenomenológico constituem-se, pois como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno – que poderá ser retomado e visto sob nova interpretação.” Considerando também a característica da Pesquisa Fenomenológica de apresentar-se como exploratória, que se encaixa perfeitamente à proposta do trabalho, que visa valorizar as abordagens qualitativas através da observação e da descrição do fenômeno em estudo.

De acordo com Goldenberg:

Proceder a uma análise fenomenológica é substituir as construções explicativas pela descrição do que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive a situação concreta. A fenomenologia quer atingir a essência dos fenômenos, ultrapassando suas aparências imediatas. O pensamento fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, onde o homem se situa com suas angústias e preocupações. (GOLDENBERG, 2003, p.31)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como tem sido a educação das crianças brasileiras que viveram no Japão; considerando as crianças que nasceram no Japão (filhos de pais brasileiros) ou aquelas que partem do Brasil junto com suas famílias e têm que enfrentar mudanças extremas e inserção numa nova sociedade, com uma cultura e idioma totalmente diferentes e numa situação adversa à que estavam habituadas; e principalmente como tem se dado a readaptação destas crianças ao retornarem para o Brasil.

Os instrumentos utilizados foram: a coleta de depoimentos através de um roteiro semi estruturado; um levantamento de dados realizado durante o Simpósio Internacional Sobre Dekassegui, que ocorreu na cidade de Londrina – PR em 01 de novembro de 2008 e anotações de conversas informais com pessoas envolvidas na situação estudada a fim de verificar como tem sido a adaptação das crianças na escola; onde estão suas maiores dificuldades e como a família e as escolas têm lidado com essa situação; com o intuito de levantar uma reflexão que possa buscar soluções e direcionamento por todos que se encontram envolvidos neste contexto.

As entrevistas foram realizadas com duas famílias que relataram suas experiências tanto no Japão, quanto da readaptação ao retornarem para o

Brasil. Foram registrados também os dados de conversas informais com três professoras: Uma que trabalhou numa escola brasileira na cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka, no Japão e outras duas que atuam em escolas situadas na cidade de Londrina PR e que têm entre seus alunos, crianças que viveram no Japão. Uma destas professoras atua em uma CEI filantrópica e a outra numa instituição particular.

O objetivo primordial será a descrição da situação, evidenciando os acontecimentos extraordinários que envolvem a educação destas crianças que muitas vezes acabam passando despercebido pelas famílias e pela escola; baseado nas entrevistas, observação e depoimentos e relacionando ao referencial teórico.

2 A VISÃO DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NESTE CONTEXTO

Nos depoimentos das três professoras que colaboraram com esta pesquisa, assim como nos dados coletados no Simpósio Internacional Sobre Dekassegui, ficou evidente a angústia dos profissionais envolvidos neste contexto, com relação à educação destes alunos. Existe uma preocupação por parte destes profissionais sobre como lidar com as dificuldades que estas crianças apresentam em diversos aspectos e que envolvem a convivência com seus pares, a diferença cultural, o idioma, etc.

2.1 Aspectos da educação das crianças de kasseguis no Japão

A professora Mariane, que trabalhou durante seis anos numa escola brasileira no Japão, onde lecionou na educação infantil, no ensino fundamental (3ª e 4ª séries) e ensino médio, relatou várias histórias que podem exemplificar os problemas relacionados à educação das crianças brasileiras que vivem no Japão.

No ensino médio, ela ministrava a disciplina de Educação Artística, numa turma multiseriada com alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries, somando na sala um total de 12 alunos. Ela explicou que os pais matriculam seus filhos na escola durante o período integral para poderem “trabalhar tranquilos”, ou seja, veem na escola a antiga função de cuidar, porém exigem também uma “boa educação”, empurrando para a escola toda a responsabilidade de garantir a formação moral e intelectual de seus filhos.

De acordo com Mariane, a realidade destas crianças é muito difícil. Elas são praticamente arrancadas de um país, e jogadas em outro totalmente diferente. Raramente participam da decisão da família de imigrar para o Japão, e se participam e aceitam a condição, não estão cientes do futuro que as espera, idealizam uma coisa e sofrem uma quebra de expectativa tão brusca que acaba causando sérios problemas emocionais que conseqüentemente vão acarretar dificuldades no seu aprendizado.

Esta professora teve uma aluna da terceira série do ensino fundamental que era considerada muda. Quando entrou na escola, estava sempre cabisbaixa, era arredia, não se aproximava das outras crianças, não respondia nem à chamada. Como não havia sido informado na matrícula sobre a possível mudez; a pedagoga chamou os pais para uma conversa e eles disseram que ultimamente a menina quase não falava, acreditavam que ela ainda estava sofrendo por ter deixado no Brasil, parentes e amigos queridos, mas que com o tempo essa tristeza passaria.

Aos poucos ela foi se enturmando, fazia todas as atividades e era uma boa aluna, mas não falava nada, por mais que fosse estimulada. Comunicava-se através de gestos, balançando a cabeça afirmativamente ou negativamente, sorria, fazia cara feia, balançava os ombros e assim por diante. Conversava com as amigas pela internet, mas utilizando apenas o teclado.

Durante dois anos na escola nunca ninguém ouviu sua voz! Os pais até se preocupavam, mas não tinham a quem recorrer. Era impossível levar a um Psicólogo, Fonoaudiólogo ou outro especialista, pois não sabiam falar japonês. Na escola foi feito de tudo para que ela voltasse a falar e nenhum resultado foi obtido. Retornar para o Brasil para um tratamento estava fora de cogitação, pois ainda tinham que quitar o financiamento das passagens da ida da família inteira para o Japão.

Quando finalmente decidiram voltar para o Brasil, a menina até ficou triste por deixar os novos amigos, mas prometeu que continuariam “conversando” pelo MSN.

Passados menos de um mês, a escola recebeu uma ligação da mãe desta menina, que muito emocionada, contou que assim que chegou ao Brasil a menina começou a falar e na nova escola, conversa tanto que houve até reclamações por parte dos professores.

Provavelmente esta criança passou por um bloqueio, ou algo parecido, na verdade é preciso uma avaliação de um especialista, mas é necessário que haja uma preocupação maior com casos como este e as escolas e professores não estão preparados para isso. E se essa criança fosse matriculada numa escola

japonesa? Talvez o choque fosse maior. E se os pais protelassem mais ainda a volta para o Brasil? Ou se decidissem ficar morando no Japão, como muitas famílias brasileiras? Neste caso, aparentemente, tudo se resolveu, mas há inúmeros que não são nem detectados pela escola ou pela família e que resultam em problemas psicológicos graves.

Mariane explica que, embora a criança passe a maior parte do dia na escola, muitas vezes a professora não consegue perceber uma mudança de comportamento, certamente por não saber como era essa criança antes. Existem mães que só comparecem na escola para efetuar a matrícula e depois desaparecem. Sem uma relação escola- família é impossível saber, por exemplo: se a criança está agressiva só na escola, ou se em casa também tem se exaltado; ou se toma algum medicamento que pode causar sonolência por isso não tem conseguido se concentrar nas aulas.

As crianças saem de casa de madrugada, pois o ônibus escolar atravessa a cidade e vai parando o tempo todo, levando umas duas horas até chegar à escola. Os pequeninos, na maioria das vezes são colocados no ônibus dormindo. Não veem os pais de manhã. Passam o dia inteiro na escola e na volta fazem a mesma viagem. Quando chegam em casa, muitos têm que esquentar a comida no micro-ondas, fazer um macarrão instantâneo ou então comer biscoitos e tomar leite. Pois os pais estão fazendo hora extra e só voltam muito tarde. Ficam sozinhos, tomam banho, jogam game, assistem à televisão e acabam adormecendo antes que os pais cheguem.

Essa situação acaba fazendo com que de certa forma a criança desenvolva uma autonomia e amadureça precocemente, mas não podemos afirmar se o resultado vai ser sempre positivo.

Muitos pais tentam suprir esta ausência com presentes, e acabam mimando seus filhos comprando tudo o que querem. Invertem valores e substituem o “ser” pelo “ter”. As crianças crescem dando muita importância ao dinheiro, afinal tudo o que passam sempre é justificado pela necessidade de se trabalhar para tê-lo.

Quando atingem a adolescência, não conseguem ver a importância de continuar os estudos, desejam trabalhar nas fábricas o quanto antes para poder

ganhar seu próprio dinheiro e serem independentes. No Japão é preciso ter mais de dezoito anos para se conseguir um trabalho formal, mas existem os “arubaitos” (trabalhos temporários) que acabam admitindo esses adolescentes por meio período. Devido ao cansaço, não conseguem conciliar o trabalho e o estudo e preferem deixar a escola; eis o motivo de se ter tão poucos alunos no ensino médio.

A partir do momento em que começam a ganhar seu próprio dinheiro, alguns destes adolescentes acham que não precisam mais dos pais e estes acabam perdendo o controle sob seus filhos que passam a sair pras festas noturnas, passam a beber, a usar drogas, dirigir sem habilitação, a cometer uma série de imprudências e infrações e acabam sendo presos; aumentando nas estatísticas o número de brasileiros detentos no Japão. Este foi inclusive um aspecto abordado durante o Simpósio Internacional Sobre Dekassegui, que ocorreu na cidade de Londrina – PR em 01 de novembro de 2008, pelo Dr. Masato Ninomiya (Professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; professor visitante da Universidade de Tóquio - Japão; Presidente do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior - CIATE/SP) que tratou da delinquência e criminalidade do Nikkei brasileiro no Japão.

Neste Simpósio ficou nítida a preocupação atribuída à educação da comunidade brasileira que vive no Japão; dos seis palestrantes, quatro trataram sobre temas relacionados a esse assunto:

- Dr. Masato Ninomiya: DELINQUÊNCIA E CRIMINALIDADE DO NIKKEI BRASILEIRO NO JAPÃO: DIREITO PENAL JAPONÊS.
- Dr. Sampei Suzuki (Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de Tokoha Gakuen; Professor titular de Educação Internacional da Faculdade e de Pós-Graduação da Universidade de Tokoha; Membro da Academia Japonesa de Estudos Sociais e Educacionais, Japão): INICIATIVAS OFICIAIS E PRIVADAS DO JAPÃO E DO BRASIL NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES BRASILEIROS, HOJE; onde apresentou as iniciativas do Japão e do Brasil na educação das crianças e adolescentes brasileiros. Os pontos destacados foram o movimento migratório dos nikkeis ao Japão, os problemas de adaptação na comunidade, as mudanças sofridas pelas famílias com uma permanência mais prolongada.

Tratou da educação das crianças no Japão, os problemas de convivência multicultural, sugerindo que os professores devam ter uma assessoria para tratar de alunos brasileiros, a necessidade da internacionalização da educação, além, de implantar programas de auxílio às crianças estrangeiras com dificuldade em acompanhar as aulas.

- Júlio Fernando Cabizuca (Fundador e Presidente do Conselho de Administração Kroton Educacional S.A. (controladora do Pitágoras); Professor e Diretor de diversas escolas no Brasil e no exterior.): ESCOLAS PITÁGORAS - JAPÃO: CUIDANDO DA EDUCAÇÃO DA FAMÍLIA DEKASSEGUI; que tratou da educação da família dekassegui, apresentando o caso das Escolas Pitágoras no Japão; destacando que, são seis unidades, com 1100 alunos, localizadas nas províncias de Gunma, Shizuoka, Aichi, Tochigi, Yamanashi e Nagano, todas homologadas pelo MEC e visando entre as atividades apresentadas: a formação integral do aluno, seja no ensino formal, no esporte, na cultura, nas ciências e nos diversos intercâmbios em nível municipal, estadual e nacional.
- Dra. Kyoko Nakagawa (Psicóloga e pós-graduada em diversas sub-áreas; Idealizadora e Coordenadora de importantes Projetos Sociais; Diretora do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior(CIATE), abordou as: QUESTÕES PSICO-SOCIAIS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENVOLVIDOS NO MOVIMENTO DEKASSEGUI. Apontando que estes não participaram das escolhas dos pais, mas sofrem os efeitos do deslocamento. Vários problemas foram apresentados, a exemplo do ijimê (bullying), da violência doméstica, do stress dos pais, dos sinais de inconformismo, seja com agressividade e/ou passividade. Relatou sobre o Projeto Kaeru, do Instituto Solidariedade Educacional e Cultural, que tem feito a localização e o diagnóstico dos problemas que as crianças tem enfrentado com o movimento dekassegui.

2.2 Aspectos da educação das crianças de kasseguis ao retornar para o Brasil

De acordo com Nakagawa, o ISEC (Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural) elaborou o “Projeto Kaeru” em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SP) com o intuito de apoiar e assegurar a inserção educacional das crianças no seu retorno ao Brasil, já que há uma evidência cada vez maior da necessidade de se criar uma infraestrutura de recepção a essas crianças que retornam, de modo que se possa responder à demanda delas. A ideia foi iniciar com um programa piloto e criar uma metodologia possível de ser reproduzida em outras cidades do Estado de São Paulo, bem como, em outras localidades que dela necessitar. Assim, esse trabalho está sendo implantado e conduzido por uma equipe interdisciplinar no Estado de São Paulo.

Segundo a psicóloga:

Experiências em trabalhos de intervenção demonstram a importância de se criar uma interlocução entre o aluno, a escola e a família, criando-se assim, um “tripé” que servirá de base para propiciar um desenvolvimento integral à criança. Há jovens que trazem consigo a demanda de manter o conhecimento adquirido no Japão (observa-se que existe certa facilidade em se perder o que foi aprendido, especialmente a fluência do idioma japonês) e que poderá ser um recurso adicional importante para o seu desenvolvimento. Outros jovens demandam maior contato com os pais e projetos podem ser desenvolvidos para permitir essa situação. Há jovens que apresentam dificuldades por falta de estimulação e outros que sofrem de ansiedade de estresse pós-traumático, após experiências de discriminação e maus tratos. (NAKAGAWA, 2008, p.21)

No município de Londrina, ainda não existe um projeto como este, mas há uma grande necessidade de se pensar na implantação de um trabalho como o Projeto Kaeru que tem como objetivos principais: atuar junto ao grupo de crianças para que recebam suporte de profissionais da área de psicologia, de assistência social, psicopedagógico e de educação, incluindo alfabetização e reforço escolar, em resposta às suas dificuldades ou demandas; trabalhar junto aos familiares através de orientações para que possam contribuir na (re)inserção cultural, social e escolar das crianças, melhorando o seu próprio relacionamento com elas, atendendo às necessidades delas e compreendendo o importante papel que desempenham no

desenvolvimento delas; atuar junto aos professores e coordenadores pedagógicos para sensibilizá-los da importância dos seus papéis enquanto mediadores afetivos entre o aluno e o saber e desenvolver uma metodologia cada vez mais adequada para atender esse grupo.

O depoimento das duas professoras que têm alunos que retornaram a pouco tempo do Japão, aponta a necessidade de um trabalho específico com essas crianças perante as dificuldades que se tem em lidar com elas. Embora as duas estejam atuando a mais de cinco anos na educação e buscando sempre uma formação continuada, ambas afirmam que é de extrema importância que o professor tenha conhecimento sobre os aspectos que influenciaram a formação deste aluno enquanto viveram em outro país e destacaram a importância de um acompanhamento diferenciado a essas crianças.

Na CEI filantrópica, há um aluno de quatro anos de idade, que nasceu no Japão e veio pro Brasil recentemente. Rosa, a professora, relatou que do início do ano até o presente momento (6 meses) a criança já apresentou uma mudança significativa em seu comportamento e desenvolvimento. Isso só ocorreu, porque segundo ela foi feito um trabalho diferenciado para a adaptação da criança no contexto escolar atual e também foi preciso trabalhar com as outras crianças da turma, o contexto de onde este menino viveu, para que compreendessem suas diferenças.

Ela explica que foi muito difícil, pois não sabia nada sobre o Japão; como foi o processo de educação deste menino durante o tempo em que ele viveu naquele país, não sabia nada da cultura japonesa e muito menos o idioma. Na instituição não havia nenhum recurso que pudesse ajudá-la perante essa situação, então ela mesma tomou a iniciativa de buscar uma solução para o problema, pois o menino não conseguia se comunicar nem com a professora, nem com seus pares; falava quase tudo em japonês, o que causava estranhamento por parte das outras crianças que o repeliam e excluía das brincadeiras.

Procurou a ajuda da família e encontrou muita resistência por parte da mãe. Foi necessária muita persistência até que ela conseguisse a colaboração e somente depois de perceber que realmente esse trabalho estava surtindo um bom resultado, a família passou a participar do processo com mais dedicação.

A professora pediu que os pais trouxessem fotografias, filmagens da família durante passeios no Japão, DVDs de filmes e desenhos japoneses que o menino costumava ver, material escolar, livros, brinquedos e também algumas comidas japonesas. Com este material ela foi mostrando para as crianças como é a vida em outro país, as diferenças culturais, etc. e desta forma despertou o interesse das crianças pelo amiguinho que passaram a interagir, fazendo perguntas sobre o Japão, relacionando a realidade de lá com a daqui; e assim o menino se sentiu importante e passou a se esforçar para se comunicar. Começou a se interessar pelas atividades, participando de tudo e sempre comparando e contando uma experiência vivida na escola japonesa. “Na hora da roda, que é um momento onde as crianças sentam em círculo para comentarem as novidades, ele sempre quer cantar uma música japonesa, todos se divertem e algumas crianças até já aprenderam e cantam juntas”.

Numa outra escola, que é de cunho privado, a professora que pediu para não ser identificada, tem um pouco mais de auxílio por parte da instituição, já que a proprietária é de descendência japonesa e conhece a realidade das crianças brasileiras que moram no Japão. A escola tem um trabalho voltado à cultura japonesa e isto faz inclusive com que alguns pais preocupados com a educação de seus filhos, entrem em contato com a equipe pedagógica através do site ou telefone, para obter informações sobre matrícula, antes mesmo de retornar para o Brasil.

Segundo a professora o fato dos pais procurarem uma escola que possa facilitar a readaptação da criança, já é um fator positivo, afinal existem os que não têm essa preocupação. Embora haja esse vínculo que ajuda muito no processo, ela explica que por trabalhar no ensino fundamental, onde a criança já adentrou na alfabetização e letramento, as dificuldades de aprendizado são maiores, principalmente na disciplina de Português. Em matemática, geralmente as crianças que estudaram em escolas japonesas apresentam até um raciocínio lógico mais rápido e se destacam muito na realização das atividades.

3 EXPERIÊNCIAS DE DUAS FAMÍLIAS

As entrevistas foram realizadas com duas pessoas, cada uma representando a respectiva família. Uma delas, a Érica, foi para o Japão com seus pais e uma irmã três anos mais velha, quando tinha apenas um ano de idade, retornou para o Brasil com seis anos e hoje, treze anos depois, aos dezenove anos de idade, cursa o terceiro ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina. A outra, Márcia, é professora, cursou o magistério; se formou em Educação Artística; atualmente faz especialização em Educação Especial na Unopar (Universidade Norte do Paraná) e trabalha com a Educação Infantil numa escola privada na cidade de Londrina. Márcia viveu no Japão durante quinze anos, onde conheceu seu marido, casou-se, teve três filhos: Bianca que hoje tem 12 anos, a Alissa tem 10 anos e o Hideki, 8 anos. Retornaram ao Brasil há três anos.

Quanto ao motivo da ida, pudemos observar que assim como na maioria das famílias que migram para outros países, a intenção foi financeira. No caso de Érica seu pai foi para o Japão sozinho e cerca de um ano depois a mãe decidiu ir também com as duas filhas, pois considerava prejudicial à formação das meninas terem o pai ausente por muito tempo. Márcia foi pela primeira vez com seus pais e dois irmãos mais jovens, com o intuito de trabalhar e juntar dinheiro para poderem levar seu avô paterno, que era japonês, mais uma vez à terra natal. Ao retornarem um ano e meio depois, este sonho não pode se concretizar, pois seu avô adoeceu e veio a falecer. No entanto com o dinheiro que haviam juntado puderam comprar uma casa e dar continuidade aos estudos de seus irmãos. Na segunda vez ela foi sozinha e lá constituiu sua família.

3.1 Vivência no Japão e a preocupação com a educação dos filhos

A vida destas duas famílias no Japão foi semelhante em alguns aspectos. Ambas moravam em cidades que não tinham escolas brasileiras, portanto as crianças tiveram que frequentar instituições japonesas. Com exceção da irmã de Érica que já havia iniciado a educação infantil no Brasil, mas que pelo fato de ter

apenas três anos na época, não chegou ser alfabetizada em português, podemos considerar que o início da escolarização dessas crianças se deu no Japão, já que os filhos de Márcia nasceram lá e as crianças da família de Érica foram para lá ainda muito pequenas.

Durante o tempo em que viveram fora do país, os pais de Érica incentivaram as filhas a aprenderem a língua japonesa.

(...) como a gente era pequeno, então ela (a mãe) esforçava pra gente aprender japonês, né? Por que a gente ia na creche, então como não sabia falar nem português, nem japonês muito bem, por que eu só tinha um ano, então ela se esforçou pra ensinar o japonês. Então eu quase não aprendi português lá, né. (Érica, 2010)

Em casa o único contato com o português, era quando alguns parentes apareciam para visitá-los:

Só os meus tios que falavam português, que eu não entendia nada. Sabe? Não entendia mesmo.” (Érica, 2010).

Érica lembra que em sua casa não assinavam a televisão brasileira e não conheciam personagens, livros brasileiros, muito pelo contrário, os pais compravam livros e materiais para ajudar a reforçar na leitura e na escrita do idioma japonês. As meninas permaneciam na escola em período integral:

(...) eu passava o dia inteiro, até umas seis horas. (...) Como eu ficava o dia inteiro na creche, nossa, então praticamente (risos) Eu só via meus pais à noite e só ficava umas duas horas com meus pais. Porque criança lá no Japão tinha que ir dormir cedo, às nove horas tem que estar todo mundo dormindo (Érica, 2010).

Na escola utilizavam apenas o japonês que era reforçado em casa:

Como a gente só falava japonês ela (a mãe) retornava tudo em japonês pra gente. (Érica, 2010)

Na família de Márcia, a preocupação com relação a este aspecto, se deu de forma diferente. Talvez até pelo fato dela ser professora. Como teve os filhos com uma diferença de dois anos cada, ela parou de trabalhar e se dedicou mais às crianças. É importante ressaltar, que isso foi possível, por que seu marido tinha uma firma própria no Japão, que lhes proporcionava uma renda mensal ótima, equivalente ao que um homem ganha trabalhando três meses numa fábrica.

E aí o meus filhos foram no Hoikoen, que é a creche e quando a minha filha completou seis anos, cinco para seis, que lá no Japão entra com seis anos no primeiro ano, né? No fundamental. É que nós começamos a questionar: Olha, acho que a gente já tem que começar a direcionar como que vai ser a nossa vida. (Márcia, 2010)

Voltar pro Brasil sempre esteve nos planos de Márcia e do marido e isto refletiu na educação de seus filhos:

Então desde pequenininhos nós utilizávamos o português em casa. Porque o japonês eles já utilizavam na creche, né. Então nós achávamos importante eles terem as duas línguas. Então até o Hoikoen, até os seis anos eles eram bilíngues, falavam as duas línguas. Como a gente trabalhava o Português em casa? Os pais falavam português e através de muitos desenhos (...). Nós comprávamos né, os “piratas”, lá no Japão ou meu pai mandava pra mim os desenhos. Era Turma da Mônica, Mickey... Mas sempre falando em português. (Márcia, 2010)

Mesmo tomando este cuidado, para que seus filhos aprendessem os dois idiomas, a família se preocupava com possíveis consequências desta situação.

Então a característica assim, que a gente sabia que ia acontecer, é que o japonês ia ficar uma língua muito forte nos nossos filhos, né? E eu falo assim, o básico. Meu marido fala muito bem, mas eu falo o básico. Mas eu me preocupei com essa questão: E a minha comunicação com os meus filhos? Aí como eu sou professora. Até o meu marido mesmo sugeriu: Márcia, porque você não alfabetiza a nossa filha? Porque a gente não sabe o que vai acontecer, mas será que não é interessante, né? Daí eu falei: Não. É verdade, de fato, né! Vamos... Eu vou fazer um trabalho com a minha filha, dentro de casa. (Márcia, 2010)

A partir desta decisão, Marcia começou a alfabetizar a filha e logo alguns amigos tomaram conhecimento e pediram para que ela também fizesse esse trabalho com seus filhos, já que não existia uma escola brasileira na região que atendesse a essa demanda.

E aí eu montei uma turminha de seis crianças. Minha filha, minha sobrinha e mais quatro crianças de colegas. A minha filha falava bem português, as outras cinco crianças, não. Eles só falavam o japonês, mas entendiam o português porque os pais eram brasileiros. Já era um bom começo... (Márcia, 2010)

Tudo isso acabou resultando num projeto, que aos poucos tomou maior proporção e logo Márcia e mais duas professoras já estavam atendendo cerca de cinquenta crianças, com o apoio da comunidade brasileira, inclusive com o patrocínio de um banco brasileiro:

Então o esquema era: A crianças iam para a escola japonesa e depois, eles terminavam em torno de três horas da tarde e eles iam neste centro comunitário que era perto da escola, e lá eles tinham aula de português comigo. (Márcia, 2010)

De acordo com Márcia, as crianças aprenderam a ler e a escrever, o mais difícil foi adentrar na parte gramatical, pois a língua portuguesa tem a estrutura totalmente diversa à da japonesa. Mesmo com as dificuldades, todos que entraram permaneceram até o final do projeto.

Sobre a vivência escolar no Japão, Érica aponta pontos positivos e negativos:

Então na creche... Sei lá? Às vezes eu me sentia um pouco excluída, sabe? Pelos amigos (...). Só que eu aprendi bastante coisa, porque creche lá do Japão é muito bom... Na questão assim de Artes, tem muitos passeios, que eu gostava bastante! Que eu achei bastante marcante! E assim, a organização da creche eu achava muito boa, porque era particular. (Érica, 2010).

Acredita que sua irmã por ser um pouco mais velha, teve mais dificuldades ao se relacionar com amigos, já no seu caso foi mais fácil:

Porque eu não lembrava de nada daqui do Brasil. Pra mim...Eu pensava que só existia o Japão. Eu pensava que eu tinha nascido lá. Por mais que meus pais falavam que a gente era brasileiro. Eu pensava que eu era japonesa, por que eu morava lá e eu pensava que era naquele país que eu tinha nascido. (...) Pra mim eu pensava que era todo mundo era de olhos puxados (risos) praticamente. Porque lá só tinha uma menina que era loura, só que não era nem do Brasil, era também, 'gaijin'(estrangeira). (Érica, 2010)

Márcia, por ter uma visão de outro ponto de vista, levanta uma série de questões sobre o cotidiano das crianças brasileiras em questão:

(...) os pais trabalham o dia inteiro, você sabe né? Na fábrica. E o horário na escola japonesa, era de manhã, almoçavam lá e voltavam lá pelas três horas da tarde. Então as crianças voltavam pra casa e elas nunca tinham os pais. Então elas levavam as chaves, e ficavam sozinhas. (...) E aí eles ficavam até a noite esperando os pais chegarem. (Márcia, 2010).

Ela tomou conhecimento de algumas histórias que considera extremamente absurdas:

Mães que não se comunicam com filhos pela falta... Por causa da língua, né? Então muitas mães tem que falar pro próprio pai, geralmente o pai fala melhor. "Olha fala pra ele... Pro seu filho..."Então utilizando o pai como interprete. "Fala pra ele que eu

não quero que ele faça isso, isso e isso...”. Aí o filho responde. Aí o pai: “Olha ele falou que é isso, isso e isso...”. Então olha só o que estava acontecendo! (Márcia, 2010)

Na opinião dela, tudo isso ocorre por causa da mudança do foco da família, que na maioria das vezes vai para o Japão com a ideia de ficar temporariamente.

Mas daí assim a ganancia começou a falar mais alto. Ah eu vim com o objetivo de comprar uma casa. Comprei. Agora quero mais uma... Não, agora eu quero um carro... Agora eu quero não sei o que... E aí foi ficando. O que a gente viu nesta nossa experiência é que os pais sempre colocavam a parte financeira, as suas ganancias a frente dos seus filhos, da educação, das necessidades dos seus filhos. E hoje eles pagam esse preço. Isso daí é evidente. Então a maioria dos adolescentes de filhos de dekasseguis hoje está numa situação bem complicada no Japão. Não é verdade? (Márcia, 2010)

Ela acredita que esses acontecimentos afetam não só a parte da aprendizagem, mas a parte psicológica dos filhos.

Isso é que tá pegando bastante em relação a todos que estão voltando. Essa dificuldade de adaptação, principalmente dos mais velhos, né? Quanto mais idade, mais difícil. Ainda mais pré-adolescente e adolescente que tem aquelas características de ser aceito pelo grupo. Não é verdade? Eles têm esse momento difícil, não é? (Márcia, 2010)

E foi vivenciando a realidade de muitas famílias:

Trabalhando com eles, vendo os erros dos pais, né, quer dizer, é muito fácil ver os erros dos outros, mas é difícil ver os nossos. Mas refletiu no nosso próprio erro. Então o que nós estamos fazendo com os nossos filhos? Será que não é a mesma coisa que hoje eu crítico? Essa minha visão crítica dos outros pais, e aí quando a minha filha estava na terceira série, com nove anos. Aí sim. Nós resolvemos então voltar para o Brasil. (Márcia, 2010)

O motivo segundo Márcia foi preservar os filhos, o mesmo que levou a família de Érica a retornar para o país de origem.

Então daí essa que foi a preocupação de, ah que não é o país que “nasceu”, então ela (a mãe) queria voltar pra, né... a gente entrar numa escola brasileira e lá não tinha, né? Então essa que foi a preocupação. Por que enquanto a gente “tava” lá ela não se preocupou... não... não ensinou o português, mas ela queria que voltasse pro Brasil pra aprender o... e estudar aqui no Brasil. Era essa a intenção. (...) O futuro ela queria sempre a gente morar aqui, né? Por que achava que era o lugar onde nasceu. (Érica, 2010)

3.2 O Regresso

Além de apresentarem os mesmos motivos para o retorno ao Brasil, as duas famílias tomaram essa decisão antes dos filhos atingirem a adolescência, pois consideraram que mais tarde essa decisão pesaria. Para Érica:

Ajudou. Se eu tivesse morando só lá ai eu não conheceria o Brasil, não conheceria nada. E bom que a minha mãe também não deixou passar muito, né? (...) Se tivesse ficado muito pra frente, se ficasse um pouco mais velho, acho que a gente não ia conseguir se adaptar aqui. (...) Apesar de que atrapalha bastante, trocar de país sem saber de nada. Porque a gente veio sem saber de nada! Começar do zero. Foi bem difícil. (Érica, 2010)

Nos dois casos houve uma boa aceitação por parte das crianças ao receberem a notícia de que estavam voltando definitivamente. Érica se recorda:

Eu lembro que eu fiquei feliz. Só que depois que “chegou” aqui achei... Nossa! Totalmente diferente. (...) Também não tinha noção da distância, né. Então eu pensava que dava pra voltar pro Japão. E quando chegou aqui nossa... (Érica, 2010)

Márcia descreve este momento da seguinte forma:

Foi bem... Não tive problemas. Tipo: “Ah! Não quero!”. Por que a gente sempre conversou com eles. A gente sempre preparava. “Olha a gente vai embora um dia pro Brasil, por que lá está a batian(avô), o ditian (avô), né? Vocês têm vários primos.” E como eles já tinham vindo várias vezes pro Brasil, eles já conheciam um pouquinho. (...) Também eu acho que pela idade... Até os nove ou dez anos ainda você tem um poder mais forte em relação às crianças, né? Por isso os pais tem que pensar muito esse negócio de idade. Passou dos dez, onze anos... Quando entra na pré-adolescência, eles já têm uma opinião própria, eles já têm um grupo de amigos, né? E aí vai pesar isso também. Então a palavra deles vai acabar pesando... Eu acho que fica mais difícil. Mas eles ainda eram criancinhas, né? Ainda era tudo do jeito que a mamãe e o papai querem. Mas vieram conscientes. (Márcia, 2010)

3.3 A readaptação e as estratégias encontradas pelas duas famílias para facilitar este momento

Logo que chegaram os problemas com a readaptação começaram a surgir. Cada detalhe fazia diferença no cotidiano das crianças em casa, no ambiente escolar e no contexto social.

Érica ao falar sobre o assunto se recorda:

A readaptação? “Começou as dificuldades”. A gente dormia tudo na hora errada, eu não queria ir pra escola, chorava muito. Sabe? Daí a minha irmã, ela não chorou muito ela guardava muito essas coisas pra dentro, assim... Não conseguia expressar. E tinha as coisas que a gente queria, não conseguia. (...) Logo que a gente chegou. Já entrou na escola, por isso, daí a gente não conseguia expressar na escola. Fica difícil, né? A comida era diferente. A gente não gostava de nada daqui. Nem de feijão. Nada. (Érica, 2010)

Érica e sua irmã foram matriculadas na primeira série, ela estava com seis anos e sua irmã com nove:

A minha irmã que atrasou, nessa questão. Porque ela voltou com nove anos, né? Daí ela não sabia falar nada, teve que voltar pro primeiro, né. Primeira série. (Érica, 2010).

No início elas estudavam em salas separadas:

Só que daí como eu chorava muito, né, na escola daí ela teve que mudar, sabe? Porque eu não conseguia conversar com ninguém, né. Daí ela mudou pra minha sala e a gente ficou dois anos. Daí depois a gente separou. Ficou até a segunda série. (...) Eu lembro que já na terceira série, já conseguia falar bem português. (Érica, 2010)

Com relação à escrita a dificuldade foi ainda maior:

Nossa! Era muito difícil pra mim. Eu acho que foi difícil mesmo aprender na questão da escrita, né. Por que até na quinta, sexta série eu ainda não sabia escrever muito bem. Ficava meio desorganizado, assim... (Érica, 2010)

Segundo ela, isso ocorreu por ter começado a ser alfabetizada em outro idioma e por nunca ter tido contato com a escrita romana.

A romana nunca tinha visto. (...) Foi um baque, né? (...) Nossa. Minha professora teve bastante dificuldade. Eu fiquei de recuperação... (Érica, 2010)

Desde que voltaram elas sempre estudaram em escolas públicas e Érica aponta algumas diferenças detectadas na organização da escola.

Eu achava a escola muito escura, ficava com medo da escola. (...) É bem diferente. O material, né? Tudo... Espaço, uniforme, conteúdo. (...) Na questão de disciplina, assim, lá no Japão todo mundo fica quieto. A gente estranhou bastante. Aqui todo mundo conversa na sala, né? (Érica, 2010)

Ela também explica que sua irmã conseguiu se sobressair em matemática, mas ela por estar iniciando o ensino fundamental aqui, não teve essa mesma perspectiva. No entanto as maiores dificuldades foram em português e história.

A gente não sabia nada daqui de Londrina. Então na quarta série, falavam um monte de coisas assim de Londrina e a gente não conseguia entender nada. (...) Não fazia muito bem parte da realidade. E até assim lá pela sexta, sétima série. Falava de... Começa um pouco nas matérias de política, quem é o presidente em cada época assim, daí eu tinha bastante dificuldade. Não sabia a história do Brasil muito bem então... (Érica, 2010).

Márcia também fala das dificuldades de readaptação encontradas pela sua família, que são inevitáveis, no entanto, ela e o marido tentaram amenizá-las buscando evitar uma mudança muito brusca na vida de seus filhos:

As coisas até que caminharam bem pra gente, comparado com outros amigos. Mas eu acho que é pelo planejamento que você faz, tá... Porque é bem complicado mesmo. Você tem que pensar em mil coisas (Márcia, 2010).

Um dos cuidados tomados foi buscar uma escola que atendesse às necessidades de seus filhos ao chegarem ao Brasil:

Então lá no Japão, eu já tive conhecimento da escola Megumi, que é onde eu dou aula hoje. Qual é a característica desta escola? A filosofia dela é japonesa, então lá nós temos professores de descendência japonesa, nós utilizamos o japonês no nosso cotidiano. Tem algumas professoras brasileiras, mas que também utilizam as palavras japonesas lá dentro. Nós não chamamos de professora. Nós chamamos "sensei". As crianças quando vão tomar água: "Sensei! Omizu nomimono desuka?" Eles têm que falar em nihongo, (japonês) (...) Eu conversei com meu marido e daí eu conversei com a escola pelo telefone, lá do Japão e eu vi que pros meus filhos talvez, seria a escola ideal. Por que aí não sentiriam tanto aquele baque. Por que é diferente! Muito diferente, viu. (Márcia, 2010)

Os filhos de Márcia, durante muito tempo, estavam sempre questionando a possibilidade de voltar ao Japão.

Sentem muita falta, saudades... De tudo! Comida, do que eles faziam, eles lembram né? Comparam bastante isso não tem como... A filha de doze anos, por ter vivenciado mais a cultura japonesa, é a que sente mais: Ela fala: "Mãe, eu tenho tantas saudades do Japão!" Ela sentiu bastante! Muito! Até hoje ela tem dificuldades. (...) Aí, o importante é você colocar pra eles, que existe sim a possibilidade de voltar. Porque isso dá um... Dá animo pra eles. Por que, imagine, você gosta de alguma coisa e a pessoa fala: Nunca mais você vai comer, ou nunca mais você vai ver. É difícil, né? Então eu falei: Um dia você poderá sim voltar. Existe uma grande possibilidade de você voltar Bianca. Eu não desejo que seja como dekassegui (Eu também nem sei se na época dela ainda vai ter, né.). Mas, existe uma forma, que é através dos intercâmbios. Você quer ir? Você vai ter que estudar né? E aí, é isso que motiva. (Márcia, 2010)

Mesmo com todo o esforço do casal para que os filhos aprendessem as duas línguas enquanto estavam no Japão, ao chegarem ao Brasil eles tiveram dificuldades na fala em português:

Mas era muito comum, até quando meus filhos voltaram pro Brasil era comum: "Minha pai", "meu mãe", então eles tinham realmente esta dificuldade. Verbalmente também falando, tinham muita dificuldade. (Márcia, 2010)

A estratégia adotada por essa família para facilitar a readaptação das crianças, foi buscar um processo gradativo. Então logo que chegaram foram matriculados nesta escola particular, a Megumi, que proporcionava um pouco mais da cultura à qual eles estavam adaptados. A filha mais velha, como já havia sido alfabetizada em português entrou na quarta série, a do meio estava na segunda série, mas por opção da família, foi matriculada na primeira série:

Eu estava começando já um trabalho de alfabetização, mas o problema da minha filha foi psicológico. Então segunda série pra ela... Ela se sentiu assim: "Meu Deus! Todo mundo já sabe ler e escrever, eu não..." Quer dizer, segunda série hoje no Brasil já faz interpretação de texto e tudo mais, né? Então pra mim, resguardar esse lado psicológico, pra ela não sentir tanta pressão... Pela característica dela, que ela é muito preocupada com estas coisas. Eu preferi realmente Então... É... Deixar ela na primeira série e acompanhar porque ninguém sabia mesmo. Então todo mundo começa no mesmo processo e foi excelente pra ela.

O caçula entrou na Educação Infantil:

Como o meu filho tem uma personalidade muito solta, na verdade a gente fala que ele nunca se enquadraria ao Japão. Ele não tem nada de japonês. É brasileiro mesmo. Conversa com todo mundo, não tem vergonha. Pra ele foi mais fácil. Quem sofreu mais? Minha filha mais velha. (Márcia, 2010)

Os três estudaram durante um ano na Megumi, e Márcia afirma que isso foi muito bom, mas:

No outro ano, como a Bianca já estava na quarta série e lá não tem quinta série, aí eu coloquei todos eles na escola Educativa, uma excelente escola, eu gostei muito também. Mas aí já era uma escola com outra característica, era totalmente brasileira e foi riquíssimo pra eles. Por que ali tinham poucos japoneses, mais brasileiros. Todos falando a língua portuguesa. (...) Aí ficaram lá um ano. A minha filha novamente com muita dificuldade na interpretação de texto. Mas aí a escola... Eu acho que a escola é muito importante, a mãe sempre tem que estar conversando com os professores, sempre pedindo mesmo: "Olha, você pode, por favor, ajudar o meu filho?" Esse é o papel da escola. Eles não podem falar não! Não vou ajudar. (...) A família tem que cobrar. Porque a escola tem que sentir. "Esses pais, eles estão de olho na gente". "Eles são exigentes". Eu acho muito importante. E foi assim maravilhoso, mas a minha filha também com dificuldades, muito tímida... (Márcia, 2010)

Para que pudessem manter os três filhos em escolas particulares nesta fase de readaptação e conseguirem estruturar um pouco a vida da família aqui no Brasil, o marido de Márcia ficou no Japão:

E ele continuou lá, por causa do financeiro. Por que nós não tínhamos casa, nem nada. (...) Meu marido foi super jovem pro Japão, ele foi com dezessete anos, então ele só terminou o segundo grau e foi. Então ele não tinha nenhuma formação universitária, nenhum emprego, assim... Nenhuma área, nenhuma profissão. (...) Meu marido já estava com quarenta e eu lá com meus trinta e poucos anos, né... Então a gente sabia que a dificuldade de entrar no mercado. Muito difícil! Com três filhos no Brasil. Né? Porque várias vezes a gente voltou, então a gente conhecia muito bem a realidade do Brasil. (Márcia, 2010).

Assim que conseguiram se estabelecer, ele decidiu se juntar à família, pois estava sendo difícil para todos viverem separados.

E então nós, já sabendo que a situação ia ficar complicada, aí nós conversamos e chegamos à conclusão que no ano seguinte as crianças iriam sair da escola particular. Por que eram três! Iam pra escola pública. (Márcia, 2010)

Esta mudança na opinião de Márcia também trouxe uma bagagem muito rica para os filhos.

Até então tudo era muito facilitado pra eles, eles tinham de tudo e aí então, este contato com crianças de diferentes níveis sociais foi muito importante pra eles. Por que eles aprenderam que: Assim com

existem aqueles que têm muito, existem aqueles que têm pouco. E isso mudou muito os meus filhos. (Márcia, 2010)

Ela deixa claro que para que acontecesse desta forma, as crianças sempre foram conscientizadas pelos pais sobre a realidade em que viviam e também acha que tudo isso contribui para que os filhos desenvolvam a autonomia.

Paralelamente aos estudos, Márcia considera extremamente importante que se tenha o cuidado de preservar a cultura adquirida pelos filhos no Japão, afinal durante todo o tempo em que viveram lá, acreditaram que ali era o lugar deles, que o japonês era a língua mãe, aliás, eles nasceram lá:

Eles dizem: “Eu sou japonês”. E eu digo: “Não vocês são brasileiros”. “Não, mas eu não nasci no Japão?”. (...) Então realmente, existe isso na criança. Eles questionam muito isso... Até entenderem, né? (Márcia, 2010).

E uma das maneiras de conseguir preservar a cultura, em sua opinião, é a participação numa associação Japonesa.

Eu acho isso importante! E assim a gente participa de karaokê, undokai (gincana)... Tudo! (...) Qualquer tipo de evento, nós estávamos lá. Então pra eles isso é importante e hoje eles têm um grupo de amizades muito bom. (...) É bom porque a gente conhece a família e muitas famílias têm a mesma característica que a minha. Estiveram no Japão, voltaram né? Então eu acho que isso foi uma coisa paralela que a gente não pode deixar de ir atrás, sabe? (Márcia, 2010)

A família de Érica também considera muito importante não ter deixado para trás a cultura e a língua japonesa, ela e a irmã também frequentaram escolas de japonês e ainda estudam, leem e procuram fazer de tudo para preservar esses conhecimentos:

Minha mãe pedia para participar de várias coisas (...). Acho que gente chegou aqui e lá pela segunda série mais ou menos, já matriculou assim... A gente fazia português na parte da manhã e já ia à escola de japonês à tarde. Então ela pedia pra participar de vários concursos, que tem de desenho nestas escolas. (...) (Érica, 2010)

Tudo isso, na visão dela, ajudou muito na adaptação aos novos costumes e idioma e também proporcionou uma mudança em seus comportamentos:

É bom. É... Ajudou um pouco, né. Por que daí trocava. A gente conseguia... Como ensinava japonês, depois tinha que fazer alguns exercícios em português. (...) Até que ajudou bastante. E também vai

forçando a falar português. Porque no meu bairro, na época que eu vim pra cá, não tinha japonês assim... Então no Brasil era tudo 'gaijin' (estrangeiro), né (Érica, 2010).

3.4 Estabelecimentos de relações

Ao tratar deste assunto podemos abordar o estabelecimento das relações das crianças no contexto familiar e escolar em sua vivência no Japão e ao retornar para o Brasil.

A família de Érica, enquanto esteve no Japão, morou numa cidade que não tinha muitos estrangeiros tampouco infraestrutura para atendê-los:

Era só japonês, então lá não tinha assim escola brasileira, não tinha nada sabe? Acho que era... A minha família era uma das únicas quase que era brasileira, sabe? (...) na creche assim, tinha um pouco de preconceito. (Érica, 2010)

Mesmo assim era o único contato que elas tinham com outras crianças. Como Érica era pequena quando veio para o Brasil, não teve mais notícias desses colegas, a irmã dela recentemente conseguiu encontrar uma amiga japonesa na internet.

Porque como eu era pequena não peguei o endereço de ninguém. A minha irmã teve contato, pela internet, ela conseguiu achar uma amiga que morava perto, no bairro. Ela conseguiu, sabe? A menina que adicionou ela. (Érica, 2010)

No âmbito familiar, no Japão Érica e sua irmã passavam o dia todo longe dos pais e à noite tinham pouco tempo para desfrutarem juntos. Ao retornarem para o Brasil, a família veio toda, mas um ano depois o pai voltou ao Japão.

Depois viveu assim até a gente crescer, assim até esse ano (2010) ficou assim, tipo ia pro Japão ficava quatro anos, voltava, três anos ficava lá e voltava... Daí então quando voltava ficava só três meses. E a gente cresceu assim, sem o pai muito perto, tanto é que eu hoje tenho dificuldade em casa. (...) É dificuldade de relacionamento. (Érica, 2010)

Na escola ela achava as pessoas muito diferentes e contou que sua irmã sofria um pouco de preconceito por ser muito adiantada em matemática, ela se

incomodava com os comentários das outras crianças sobre suas aptidões. Ela se recorda que no início era mais difícil ainda estabelecer relacionamentos:

Todo mundo! As crianças... Ficou todo mundo olhando assim. A gente era popular lá na escola, porque quando falou que a gente tinha chegado do Japão. Nossa! Todo mundo juntava perto de mim e da minha irmã e começaram a perguntar um monte de coisas, sendo que eu não estava entendendo nada. Então bem a gente ficou bem assustada. (...) Os amigos? Hum... Tinha poucos amigos. Acho que até o primeiro ano do segundo grau, eu não conseguia fazer amizade tão fácil. (Érica, 2010)

A família de Márcia vivenciou uma realidade diferente no Japão, pois tiveram contato com uma comunidade brasileira, ainda que pequena, e isso proporcionou aos seus filhos o conhecimento do idioma português e um pouco da cultura brasileira. O pai tinha uma firma própria e a mãe podia dedicar seu tempo aos filhos, ou seja, não precisava trabalhar fora. Tinha também familiares que viviam na mesma cidade, inclusive para a filha mais velha foi muito difícil vir para o Brasil e se separar da prima:

Então elas nasceram no mesmo ambiente, por que nós éramos vizinhos. Cresceram juntas, e tiveram que se separar. Isso pras duas foi muito difícil. (...) As duas sentem muita falta uma da outra. (...) Tem internet, essas coisas, né? Mas é complicado, mas eu acho que no final das contas, então... Essa expectativa de que um dia ela poderá voltar, é o que eu acho que ajuda ela a superar as coisas que ela está passando agora. (Márcia, 2010)

No Brasil as crianças não tiveram problemas em estabelecer novos laços de amizade, tudo isso devido aos cuidados tomados pela família de inseri-las numa comunidade japonesa existente na cidade de Londrina.

3.5 Pontos positivos e negativos desta experiência na visão das famílias

Ao fazer um balanço entre os pontos positivos e negativos desta experiência, as duas famílias consideraram mais pontos positivos.

Érica acredita que o fato de poder ter vivenciado duas culturas muito distintas enriquece o aprendizado. Embora na questão escolar tenha afetado alguns aspectos:

Fiquei atrasada em algumas coisas, tenho algumas dificuldades que precisa estar superando a toda hora. Daí nesta questão é um pouco negativo, né? É ruim estar adaptado a um lugar e ter que sair pra se adaptar tudo de novo! Nesta questão, atrapalha um pouco, eu acho. (Érica, 2010)

Para ela foi bom ter vivido no Japão e principalmente ter retornado ao seu país de origem:

Se eu tivesse morando só lá ai eu não conheceria o Brasil, não conheceria nada. (Érica, 2010)

Hoje Érica e sua irmã estão cursando o nível superior, inseridas no mercado de trabalho, no entanto, mesmo tendo se passado treze anos desde que regressaram ao Brasil, ainda tem dificuldades ao se expressar em português, tanto na dicção quanto no significado de algumas palavras:

Se estivesse desde pequena aqui acho que seria mais fácil, né. Porque não iria misturar muito. Tem hora que eu começo a misturar tudo! Começo a misturar as palavras. (Risos) Às vezes eu acho uma palavra em japonês e não consigo explicar em português. Ou às vezes eu começo né... Até minhas amigas sofrem, sabe? (risos) Fico misturando japonês. As palavras mais do cotidiano tipo: Gohan (arroz)... Acaba saindo assim... Espontâneo. Gomenassai (desculpa), Arigatou (obrigado)... Acaba saindo tudo em japonês essas partes. (...) Agora, minha irmã, acho que tem um pouco de dificuldade no português dela. Às vezes, nossa! O erre dela não sai muito bem. (Érica, 2010)

Por outro lado o fato de dominar o idioma japonês pesou muito na hora de conseguirem seus empregos. A irmã trabalha na Embrapa, na parte de relacionamentos exteriores e Érica recentemente (inclusive depois desta entrevista) começou a trabalhar na mesma escola que Márcia. Ela diz sentir saudades do Japão:

Tenho vontade de voltar para passear, mas para morar eu gosto daqui. (...) Não sei, né. Mas todo mundo gosta. E eu gosto bastante daqui. (Érica, 2010)

Márcia, assim como Érica acredita que viver no Japão foi enriquecedor:

Não só na parte financeira, não é? As coisas que a gente aprendeu. (Márcia, 2010)

Ela atribui algumas mudanças positivas no comportamento social:

Hoje eu vejo que no meu trabalho... Como eu fiquei bastante tempo lá, e a gente observa bastante, né? Assim, o japonês, ele tem um sistema, né? É bem rígido nas firmas sabe? Hierarquia... O respeito com seu chefe, etc... Por isso que é um país super organizado, não é? Você vê assim... Banco... Você vê o atendimento deles. Essas coisas. Japonês não atrasa! O respeito que eles têm assim com clientes, né? Tão diferente do Brasil, não é verdade? Mas por que você já foi lá e vivenciou, quando você volta, você procura fazer a mesma coisa, não é? (...) Olha! Até hoje a gente tem o costume de pegar os chicletes, embrulhar no papel e guardar. São detalhes! E isso é o que a gente tem mais de rico. E por exemplo, hoje eu sou professora e tudo o que eu observei dos professores do Japão, que eu achei legal, bom! Hoje eu repasso isso pros meus alunos. Eu acho que é positivo. Então: Respeito ao professor, organização, é... Cuidado com as coisas. Japonês tem muito cuidado com as coisas. Não desperdiça! Nossa isso daí é incrível.(...) Os meus filhos também. Muitas coisas em termos de caráter, eu acho que foi graças à formação que eles tiveram no Japão. Por isso que entra em conflito aqui. Principalmente a minha filha mais velha? Entra bastante! Por que ela se sente muito diferente dos jovens daqui, dos pré-adolescentes daqui. Mas é graças a esse caráter, a essas coisas que ela aprendeu, o que é certo e o que é errado que ela é tão exigente consigo mesma. Ela é muito preocupada... Japonês não é preocupado em não incomodar os outros? Não é? Ela tem muito disso. Nossa ela é uma japonesinha assim, né? Mas ela entra em conflito. Então na escola eu estou tendo problemas, então os amigos falam: “Ai, você é muito ‘cdf’, muito certinha, muito ‘nerd’”. E ela odeia! Ela falou assim pra mim: “Mãe eu odeio ser diferente!” e isso aí tá criando na minha filha um problemão! Um problemão assim, que eu digo, ela tá em conflito. Mas ela só consegue ainda... Ela não se desviou do caminho ainda, né por que, você sabe? Nesta fase: “Ah Bianca vamos beber!” Tem isso... “Ah... Bebe um pouquinho!”. Criança de treze anos tem essa coisa: “Ah vou beber. Agora eu sou adulta. Ó eu bebo, hein!”. “Eh gente! Eu mato aula, hein!” Eles acham bonito, né? Mas assim não é por maldade, é por que eles querem ser aceitos... É aquela fase da confusão, né? Dos conflitos, né? E das pressões. Então eu penso que a minha filha não cedeu ainda às pressões até agora por que ela teve uma estrutura muito forte. Por que foi criada no Japão (Márcia, 2010)

Quanto aos comentários que ouve sobre a sua experiência como dekasegui, ela tem a seguinte opinião:

Então foi bom? Foi. Muita gente que fala: Ah você não acha que você demorou? Ou: Por que você não ficou mais um pouco? Pra ficar com uma condição financeira melhor? (...) Eu acho que eu vim na hora certa, por que foi uma decisão que eu tomei junto com meu marido. Então pra mim tá tudo bem. Foi difícil pra gente? Dificuldades? Foi. Mas meus filhos hoje se tornaram mais fortes, eles estão mais felizes, por que o Brasil tem esse outro lado muito bom. Esse lado da liberdade, de expressão. No Japão dificilmente alguém levanta a mão e fala: “Professora!” Lá não... Todo mundo é “Hay (sim)... Hay (sim)”... (...)Eu não vejo pontos negativos. Não digo que nenhum... É que agora... O que me dói e ver minha filha sofrendo.(...) É muito

difícil. Mas isto são consequências de uma decisão que a gente tomou. Só que você consegue levar numa boa, porque é uma decisão que eu não me arrependo. Se eu tivesse me arrependido, daí sim eu acho que eu ia ficar me torturando, né? Mas eu penso... Eu também acho que eu teria outros problemas, por que ela é adolescente, né? Talvez eu tivesse outros problemas se eu não tivesse ido também. Mas eu estou muito contente (...) Meu marido chegou, tá trabalhando como auxiliar administrativo nas obras na construção civil. Mas a gente achou que é legal também. (...) Agora a gente direcionou assim: Não tem faculdade, tá bom. Mas o que ele tem de bom? Essa bagagem de conhecimento na área de construção civil, que é diferente do Japão? É. Mas ele pode contribuir de alguma forma. Então ele está entrando nessa área, faz alguns meses só que ele tá trabalhando, né? (...) Aí assim... Recomeçando do zero mesmo. Financeiramente falando a gente ah... Tá numa dificuldade. Mas daí eu olho pra todo brasileiro... todo mundo tá passando e todo mundo tá vivendo bem, né? Aí eu falo: "Ah não acho que dá pra levar". É isso!" (Márcia, 2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas histórias têm o intuito de nos fazer refletir sobre as categorias elencadas no capítulo anterior: Através delas podemos ter uma ideia de como é a vida de alguns brasileiros que vivem no Japão, dos motivos que os levaram a viver em outro país, dos que os fizeram regressar. No caso destas duas famílias percebemos a preocupação com a educação dos filhos e é evidente, por mais que se tente amenizar o impacto que as crianças têm ao sofrer o deslocamento, tendo que mudar suas rotinas, seus hábitos, o idioma, todo o contexto social e cultural, é impossível que elas passem por isso naturalmente, sem nenhuma marca, seja positiva ou negativa.

Ao fazer uma análise das experiências de vida dessas duas famílias e dos relatos dos profissionais envolvidos neste contexto, percebemos que muitas das angústias de ambas as partes são as mesmas. É claro que as atitudes tomadas perante a situação são subjetivas. Cada família, cada profissional tem uma maneira de lidar com os problemas que eventualmente venham a surgir na educação de seus filhos ou alunos.

As duas famílias decidiram regressar ao Brasil, quando os filhos ainda eram pequenos, buscando assim facilitar o processo de readaptação, ambas acreditam que se tivessem adiado esta decisão teria sido mais difícil, pois as crianças não aceitariam passivamente a mudança. O que de fato acontece, pois existem milhares de famílias brasileiras que foram para o Japão com o intuito de trabalhar temporariamente e que hoje, por causa dos filhos, decidiram ficar definitivamente. Muitos inclusive financiaram a longo prazo um imóvel, como exemplifica um trecho da reportagem publicada na página digital da IPC (Internacional Press Corporation) associada à Globo Internacional:

Há seis anos, a família Inoue veio ao Japão com o mesmo objetivo de grande parte dos brasileiros: ficar uma temporada e voltar ao Brasil. Mas com o passar dos anos e o nascimento do terceiro filho, Vinícius, os planos mudaram e a família resolveu permanecer no país.

A segurança e a adaptação dos filhos no país foram fatores que pesaram na decisão, e a compra de um imóvel passou então ser a solução para uma vida mais confortável. "Vejo que há brasileiros que estão há 15 anos e moram em apartamentos apertados. Já que

vamos ficar aqui, optamos por ter uma qualidade de vida melhor", diz Saíra. "Assim que saiu o visto permanente do meu marido, já compramos a casa", acrescenta. (OHPHATA, 2007)

É importante mencionar, que os imóveis no Japão não são tão acessíveis, existem muitos japoneses que não possuem casa própria. Portanto os brasileiros que assim como a família Inoue, citada na reportagem, decidiram investir neste conforto, precisaram entrar num financiamento dividido em vinte e cinco anos aproximadamente. E logo que esse mercado imobiliário se abriu proporcionando aos estrangeiros a aquisição de uma casa, eclodiu a crise financeira atual que atingiu severamente o mercado de trabalho no país, deixando muitos brasileiros desempregados. Alguns acabaram perdendo a casa, e a crise foi tamanha que há registros de brasileiros morando dentro de automóveis e debaixo da ponte. Consequentemente muitos deles acabaram voltando para o Brasil antes do programado, inclusive tendo uma ajuda do governo japonês.

Segundo dados do Ministério da Justiça do Japão, desde setembro do ano passado, início da crise financeira internacional, 54.709 brasileiros deixaram o país. No final de 2007, havia 316.967 brasileiros registrados no país. (...) Somente nos seis primeiros meses de 2009, a comunidade brasileira no país encolheu em 41.887 membros, gerando uma queda de 13,4% em relação ao total de 312.582 brasileiros registrados no país no fim de 2008. (...) Muitos dos que estão voltando agora ao Brasil deram entrada no esquema de ajuda para regresso oferecido desde abril deste ano pelo governo japonês a imigrantes peruanos e brasileiros. (TOBACE, 2009)

É justamente neste ponto que gostaria de chegar. Se com planejamento as famílias já encontram dificuldades ao regressar ao seu país de origem, sendo forçadas a voltar às pressas por causa da crise, certamente chegarão aqui desestruturadas tanto financeira quanto psicologicamente e como fica a educação dos filhos?

Márcia e Érica adotaram como estratégias para solucionar alguns dos problemas de readaptação, tal como o idioma e inserção na sociedade, conciliar os estudos das crianças às aulas de japonês, que na maioria das vezes se dá em instituições particulares. Márcia também optou matricular seus filhos numa escola privada, que atendia às necessidades das crianças. Será que todos teriam acesso a esse recurso?

No caso de Érica e de sua irmã, podemos observar que houve muito mais dificuldades com relação à comunicação oral e escrita, muito mais dificuldade em estabelecer novas amizades; isso provavelmente se deu desta forma por que vieram pra cá sem saber nada do português e sem conhecer a cultura brasileira. Além disso, assim que chegaram foram diretamente para a escola pública, que não tem preparo algum para receber alunos como elas. E é isso que certamente vai acontecer e já tem acontecido com as crianças envolvidas neste contexto.

Neste sentido, se faz pertinente enfatizar a necessidade de um projeto que atenda essa demanda. Em Londrina existe um grande contingente de descendentes de japoneses e se realizarmos uma pesquisa nas escolas públicas, com certeza vamos nos deparar com inúmeros casos semelhantes aos relatados neste trabalho. Portanto finalizo esta parte da minha pesquisa a qual pretendo dar continuidade. Afinal é preciso elaborar algum trabalho semelhante ao “Projeto Kaeru” mencionado no capítulo 2 que trata da visão dos profissionais envolvidos neste contexto, com o intuito de apoiar e assegurar a inserção educacional das crianças de kasseguis no seu retorno ao Brasil.

REFERÊNCIAS

ARASHIRO, Osny. **No Japão, escolas reservam um dia para pais irem à escola.** Disponível em <[HTTP://www.ipcdigital.com](http://www.ipcdigital.com)>. Acesso em 28 de julho.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. In: R. Bras. Est. Pop., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

BRASIL. **MEC.** Parecer CNE/CEB 11/1999.

BRASIL. **MEC.** Parecer CNE/CEB 25/2003.

CURY, Cintia. **Filhos de dekasseguis terão adaptação nas escolas estaduais paulistas.** Disponível em <[HTTP://www.saopaulo.sp.gov.br](http://www.saopaulo.sp.gov.br)>. Acesso em 27 jul.2008.

KAWAMURA, Lili. Brasileiros no Japão: Direitos e Cidadania in: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Org.). **Cem anos da Imigração Japonesa: História, memória e arte.** São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

MAZINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação in: FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da pesquisa Educacional.** São Paulo. Ed. Cortez. 2006.

MEKSENAS, Paulo. Considerações à respeito do Método in.: **Pesquisa Social e ação Pedagógica: Conceitos Métodos e Práticas.** Ed. Loyola.

NAKAGAWA, Kyoko Yanagida. **Crianças e adolescentes envolvidos no movimento Dekassegui.** In: Anais do Simpósio Internacional sobre dekassegui. Londrina. 2008.

OHPHATA, Thassia. **Sonho da casa própria no Japão.** Disponível em <<http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Comunidade/Sonho-da-casa-propria-no-Japao>>. Acesso em 07 out.2010.

SASAKI, Elisa Massae. **“O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui”.** 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Unicamp – Campinas.

TOBACE, Ewerthon . **Crise força retorno de 54 mil brasileiros do Japão.** Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/08/090828_dekasseguis_ewerthon_rw.shtml>. Acesso em 07 out. 2010.

ANEXOS

Questões utilizadas nas entrevistas:

- 1- Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão?
- 2- Como foi tomada essa decisão?
- 3- Os filhos participaram da decisão? Como?
- 4- Quanto tempo viveram no Japão?
- 5- Qual a idade das crianças quando foram para lá? Já estudavam no Brasil?
- 6- Como foi a chegada no Japão?
- 7- Demoraram quanto tempo para serem matriculadas em uma escola? Brasileira ou japonesa?
- 8- Descreva algumas experiências marcantes da vivência escolar e da rotina da família.
- 9- Como a família vê a educação de seus filhos?
- 10- Por que voltaram para o Brasil?
- 11- Qual foi a reação das crianças ao saber que voltariam para o Brasil?
- 12- Ao regressar para o Brasil como foi a readaptação das crianças?
- 13- Quais as estratégias encontradas pela família para superar essas dificuldades?(Somente no caso de serem mencionadas dificuldades).
- 14- Como avaliam esta experiência hoje? Pontos positivos e negativos.

Entrevista 1: Érica

Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão?

O motivo? Foi financeiro mesmo, né. O meu pai já tinha ido assim, pra... Ele foi antes, né, o meu pai. Por questão de trabalho. Então pra família ficar toda junta também precisava. Como dekaseguei mesmo, então saiu e foi pro Japão. A minha mãe foi também... Daí pra ficar a família toda junta.

Como foi tomada essa decisão?

Foi tomada a decisão?

É. Assim como foi tomada a decisão? Você falou assim que seu pai foi primeiro. Foi difícil?

Essa questão eu acho que a minha mãe conseguiria responder melhor, né? Nossa!

É...

Por que eu era bem pequena, então não sei como foi tomada a decisão. Minha mãe fala que... Aí eu não sei se... Acho que o meu tio, também chamou a minha mãe pra ir junto. Pra ir pra lá, sabe? Pra ficar a família toda, sabe? Como só o meu pai estava lá... E como a gente era pequenininha... Não é bom, né? Deixar a gente separada. Então nessa questão eu acho que foi por esse motivo que eu creio que a gente foi pro Japão, né?

Pela família mesmo?

Pela família mesmo... Pra não ficar separado. Ainda mais assim, quando que é fase pequena, minha mãe achava que não devia ficar a família separada. Porque a gente "tava" crescendo, então eu e a minha irmã, né... Com um ano e três anos... Separadas do pai, né? Viver separado, ela achou meio ruim. Por mais que a família... Alguns ficaram contra assim... Porque levar duas crianças pequenas pra lá e depois trabalhar... Mesmo assim ela foi. Contra todo mundo (os parentes).

Quanto tempo viveram no Japão?

No total? Cinco anos e meio.

Todo mundo?

Todo mundo.

Seu pai foi quanto tempo antes?

Acho que deve ter ficado uns... Não sei, acho que deve ser uns... Seis meses mais, senão um ano. Ficamos pouco tempo separados.

Depois você foi com a sua mãe?

Daí eu fui junto com a minha mãe e com um tio né, que daí ele ajudou a cuidar de mim né, na viagem.

A família ficou junta no Japão quanto tempo?

Cinco anos e meio.

Quando vocês voltaram, voltou todo mundo também?

Voltou todo mundo junto daí. Mas logo depois acho que um ano ou dois anos o meu pai já foi embora pro Japão. Depois viveu assim até a gente crescer, assim até esse ano (2010) ficou assim.. Tipo ia pro Japão ficava quatro anos, voltava, três anos ficava lá e voltava... Daí então quando voltava ficava só três meses. E a gente cresceu assim, sem o pai muito perto, tanto é que eu hoje tenho dificuldade de... Em casa.

“Dificuldade no relacionamento?”

É dificuldade de relacionamento

Quantos anos vocês tinham quando foram pra lá? Você e a sua irmã?

Eu tinha um e a minha irmã tinha três.

Já estudavam no Brasil?

Hummm no Brasil? Ah... Como eu era muito pequena eu não estudava.

Não chegou a ir nem a um prézinho?

Não, logo que eu fiz um ano eu fui pra lá.

E sua irmã tinha três, então quando vocês voltaram vocês tinham que idade?

Eu tinha 6 e minha irmã... Nove quase dez

Quando vocês chegaram ao Japão, demoraram a ir para escola?

Hummm... Acho que não, acho que não deu.... Acho que com um ano e meio... Acho que até completar quase três anos. Daí já entrou na... Na.... Ah, eu não sei falar em português.

No prézinho, no maternal?

É não sei como chama...

Pode falar que eu entendo.

Então... Na creche né, daí eu ficava nossa... Eu passava o dia inteiro, até umas seis horas.

Então era uma escola japonesa?

É. Como lá era um lugar muito... Ah eu não sei falar... É que eu não sei como falar em português... É um lugar bem né... Minha casa... Minha casa é dis... É???

Isolado?

É isolado! Então era só japonês, então lá não tinha assim escola brasileira, não tinha nada sabe? Acho que era... A minha família era uma das únicas quase que era brasileira, sabe? Assim como nós... A gente foi na creche assim, tinha um pouco assim de preconceito.

A próxima pergunta fala justamente disso.**Descreva algumas experiências marcantes da vivência escolar e da rotina da família.**

Bastante coisa... Mas da parte escolar, né? Da educação, né? (Pensou um pouco)... Como eu ficava o dia inteiro na creche, nossa, então praticamente (risos) Eu só via meus pais à noite e só ficava umas duas horas com meus pais. Porque criança lá no Japão tinha que ir dormir cedo, às nove horas tem que estar todo mundo dormindo.

Então na creche... Sei lá? Às vezes eu me sentia um pouco excluída, sabe? Pelos amigos, assim... Daí eu achava... Só que eu aprendi bastante coisa, porque creche lá do Japão é muito bom... Na questão assim de Artes, tem muitos passeios, que eu gostava bastante! Que eu achei bastante marcante! E assim, a organização da creche eu achava muito boa, porque era particular.

Iam você e sua irmã pra mesma escola?

Hãhã. Ia.

Era difícil a questão assim da neve... Que lá era... Nossa! Onde eu morava era super... Muito ruim assim... Nos dias que nevavam. Com “aquele” ventania! Nossa!

E nessa época você tinha lembranças do Brasil?

Não. Então a minha primeira língua, que tipo eu aprendi, né? Foi Japonês.

Então você não teve problema de adaptação no Japão?

De adaptação no Japão acho que não tive muito, porque não lembro né? Como que eu cheguei lá...

No Brasil, quando cheguei, acho que tive muito mais dificuldade.

E a sua irmã? Você sabe se ela teve?

Eu acho que... Não sei...

Ela nunca comentou?

Acho que ela não lembra também. Porque ela nunca comentou...

Então... Lá no Japão foi mais fácil pra você? Quando você começou a ir pra escola...

Lá a minha irmã tinha dificuldades, assim entre os amigos, na escola...

Pra você foi mais fácil?

É acho que sim. Porque eu não lembrava de nada daqui do Brasil. Pra mim...Eu pensava que só existia o Japão. Eu pensava que eu tinha nascido lá. Por mais que meus pais falavam que a gente era brasileiro. Eu pensava que eu era japonesa, por

que eu morava lá e eu pensava que era naquele país que eu tinha nascido. Por que eu não entendia assim... Por mais que “tentava” me explicar eu não conseguia entender, sabe?

Que existia um outro lugar?

Que existia outro lugar! Por que a gente nunca saiu daquela cidadezinha. Saia pra passear assim... Outro lugar... Pra passear, mas não saia da cidade, então não sabia questão assim de... Ah... Não sei explicar.

Não tinha TV brasileira?

É...

Não tinha contato com o Brasil? Personagens, livros? Nada?

Quase nada. Só os meus tios que falavam português, que eu não entendia nada. Sabe? Não entendia mesmo.

Naquela época não tinha internet também, né?

É tinha. Só que ainda era pouco. Tava começando lá no Japão. Só que eu não sabia nem o que era internet, né.. Que era um ano. Não lembro.

Então você morava no Japão e o que você vivia era o Japão?

Aham.

O único contato que você tinha com o Brasil, era que a sua família falava que você era brasileira, mas você nem tinha ideia de como era o Brasil?

É. (Rindo). Nem sabia o que era Brasil. Pra mim não existia. Nem sabia falar nada... Tipo um comentário assim.

Como a família vê a educação de seus filhos?

(Demonstrou não entender)

A preocupação na educação de vocês, lá.

Lá? (pensou um pouco). Lá ela (a mãe)... Nossa! Preocupação de ensinar será... Português?

Ela tinha essa preocupação?

É... Ela... Mas como a gente era pequeno, então ela esforçava pra gente aprender japonês, né? Por que a gente ia na creche, então como não sabia falar nem português, nem japonês muito bem, por que eu só tinha um ano, então ela se esforçou pra ensinar o japonês. Então eu quase não aprendi português lá, né.

Porque vocês nem ficavam muito tempo em casa, né?

Não ficava muito tempo em casa e meus pais trabalhavam o dia inteiro.

Mas você sabe se ela tinha preocupação de ensinar português para vocês?

Tinha um pouco, mas eu quase não aprendi e a minha irmã também não. Como a gente só falava japonês ela retornava tudo em japonês pra gente.

E você saberia explicar por que ela colocou vocês na escola Japonesa?

Japonesa?

É.

Eu creio que mais por questão de ser perto, né? E precisava trabalhar. Por questão assim mesmo, de dekassegui mesmo, de deixar o filho na creche pra trabalhar.

E por que voltaram para o Brasil?

Hum. Brasil? Por que... Então daí essa que foi a preocupação de, ah que não é o país que “nasceu”, então ela queria voltar pra, né... A gente entrar numa escola brasileira e lá não tinha, né? Então essa que foi a preocupação. Por que enquanto a gente “tava” lá ela não se preocupou... Não... Não ensinou o português, mas ela queria que voltasse pro Brasil pra aprender o... E estudar aqui no Brasil. Era essa a intenção.

Preocupação com o futuro?

É. “O futuro ela queria sempre a gente morar aqui, né?” Por que achava que era o lugar onde nasceu.

Qual foi a reação sua e da sua irmã quando ficaram sabendo que voltariam para o Brasil? Você lembra?

Eu lembro que eu fiquei feliz. Só que depois que “chegou” aqui achei... Nossa! Totalmente diferente. Por que falava: “Ah vai viajar de avião!” Fique “super” feliz, ah deve ser festa! Também não tinha noção da distância, né. Então eu pensava que dava pra voltar pro Japão. E quando chegou aqui nossa...

E você também não tinha noção da diferença que existia entre o Brasil e o Japão?

Não. Não tinha essa diferença. Pra mim eu pensava que era todo mundo era de olhos puxados (risos) praticamente. Porque lá só tinha uma menina que era loura, só que não era nem do Brasil, era também, “gaijin” (estrangeira), né?

Então a reação foi felicidade. E a sua irmã ficou feliz também?

No momento sim. Só que depois...

E aí quando vocês chegaram aqui como foi a readaptação?

A readaptação? “Começou as dificuldades”. A gente dormia tudo na hora errada, eu não queria ir pra escola, chorava muito. Sabe? Daí a minha irmã, ela não chorou muito ela guardava muito essas coisas pra dentro, assim. Não conseguia expressar. E tinha as coisas que a gente queria, não conseguia. Daí a minha mãe... Logo que a gente chegou. Já entrou na escola, por isso, daí a gente não conseguia expressar na escola. Fica difícil, né? A comida era diferente. A gente não gostava de nada daqui. Nem de feijão. Nada.

Sua mãe não fazia comida brasileira lá no Japão?

Fazia mas muito pouco, eu acho. Por que o mercado era prático lá, então ela não costumava assim... E não tinha mercado brasileiro. Só tinha um lugar que era meio brasileiro, mas só vendia assim... Era um açougue. Não tinha muita coisa, Assim, comida brasileira. Que nem agora tem bastante, né. Cidades que moram bastante brasileiros... Só que onde gente morava, não tinha nada! Era todo mundo, era maioria japonês, né? Não tinha muito assim, sansei assim não tinha.

E quando vocês voltaram? Sua mãe fazia comida japonesa pra vocês?

Aqui no Brasil? Por condições não dava, né pra fazer toda hora japonesa.

Mas shirogohan (arroz japonês)?

É shirogohan, missoshiro (sopa japonesa). Ela tinha que adaptar toda comida. Porque a gente não conseguia comer.

Além da comida o que mais vocês estranharam? A escola?

Na escola. Nossa! Achava as pessoas muito diferentes. A organização da escola achava muito diferente. A minha irmã às vezes também, sabe? Às vezes ela... Ai não sei se posso falar que era preconceito? Mas ela, como era muito adiantada na matemática, aí todo mundo ficava... Falando algumas coisas. As crianças ficavam comentando... A minha irmã é muito inteligente, ela sempre terminava as coisas primeiro e os amigos, todo mundo ficava falando dela. Não sei como “pode” dizer. Mas é ruim, né? Ficar falando...

E vocês começaram a falar português rápido? Ou demoraram para conseguir se adaptar ao idioma?

No idioma? Eu lembro que já na terceira série, já conseguia falar bem português.

E você entrou em que série?

Na primeira. A minha irmã que atrasou, nessa questão. Porque ela voltou com nove anos, né? Daí ela não sabia falar nada, teve que voltar pro primeiro, né. Primeira série.

Daí vocês foram estudar juntas?

Hum... Não a gente pegou salas separadas na escola.

Mas as duas eram primeira série?

As duas eram primeira série. Só que daí como eu chorava muito, né, na escola daí ela teve que mudar, sabe? Porque eu não conseguia conversar com ninguém, né. Daí ela mudou pra minha sala e a gente ficou dois anos. Daí depois a gente separou. Ficou até a segunda série. Na questão da escrita! Nossa! Era muito difícil pra mim. Eu acho que foi difícil mesmo aprender na questão da escrita, né. Por que até na quinta, sexta série eu ainda não sabia escrever muito bem. Ficava meio desorganizado, assim...

Você começou a ser alfabetizada em japonês? Na escola você já aprendia a ler e escrever, no Japão?

Aham. Minha mãe comprava até livros pra aprender, pra começar a conversar com os amigos.

E a escrita romana nada?

Não. Nunca tinha visto letra romana!

Nem tinha visto?

Risos. Não. Como era criança a gente nem repara, só vê mais perto. A romana nunca tinha visto.

Então quando chegou na escola...

Foi um baque, né?

Uma mudança radical?

Aham.

E as professoras?

Nossa. Minha professora teve bastante dificuldade. Eu fiquei de recuperação...

Os amigos?

Os amigos? Hum... Tinha poucos amigos. Acho que até o primeiro ano do segundo grau, eu não conseguia fazer amizades tão fácil.

E quando que você começou a superar esses problemas que foram surgindo de amizade, do idioma? Como você buscou solucionar isso?

Solucionando? Minha mãe pedia para participar de várias coisas, né. E como desde... Acho que gente chegou aqui e lá pela segunda série mais ou menos, já matriculou assim... A gente fazia português na parte da manhã e já ia à escola de japonês à tarde. Então ela pedia pra participar de vários concursos, que tem de desenho nestas escolas.

E esta escola de japonês também ajudou a aprender o português?

É bom. É... Ajudou um pouco, né. Por que daí trocava. A gente conseguia... Como ensinava japonês, depois tinha que fazer alguns exercícios em português.

Então foi uma das coisas que ajudaram?

Até que ajudou bastante. E também vai forçando a falar português. Porque no meu bairro, na época que eu vim pra cá, não tinha japonês assim... Então no Brasil era tudo “gaijin” (estrangeiro), né. Então, só...

Tudo gaijin?(RISOS)

Todo mundo! As crianças... Ficou todo mundo olhando assim. A gente era popular lá na escola, porque quando falou que a gente tinha chegado do Japão. Nossa! Todo mundo juntava perto de mim e da minha irmã e começaram a perguntar um monte de coisas, sendo que eu não estava entendendo nada. Então bem a gente ficou bem assustada.

Na questão de disciplina, assim, lá no Japão todo mundo fica quieto. A gente estranhou bastante. Aqui todo mundo conversa na sala, né?

Você foi para a escola pública?

Pública. E na questão assim... Nossa! Eu achava a escola muito escura, ficava com medo da escola.

A estrutura física é bem diferente?

É bem diferente. O material, né? Tudo... Espaço, uniforme, conteúdo...

Então vocês acharam que foi mais fácil com matemática, por exemplo?

No começo sim. Eu não sabia muita matemática, porque eu entrei no primeiro ano. Mas minha irmã tinha facilidade na matemática, mas no português... Em história então! A gente não sabia nada daqui de Londrina. Então na quarta série, falavam um monte de coisas assim de Londrina e a gente não conseguia entender nada. (Risos)

Não fazia parte da realidade...

Não fazia muito bem parte da realidade. E até assim lá pela sexta, sétima série. Falava de... Começa um pouco da... Nas matérias de política, quem é o presidente

em cada época assim, daí eu tinha bastante dificuldade. Não sabia a história do Brasil muito bem, então...

E em algum momento vocês tiveram vontade de voltar para o Japão por causa disto tudo?

No começo dava bastante.

Só no começo? Hoje não tem mais?

Assim. Tenho vontade de voltar para passear, mas para morar eu gosto daqui.

Agora já adaptou bem?

Não sei, né. Mas todo mundo gosta. E eu gosto bastante daqui.

E você tem algum contato? Alguns amigos que você deixou lá no Japão?

Não tenho mais nenhum. Porque como eu era pequena não peguei o endereço de ninguém. A minha irmã teve contato, pela internet, ela conseguiu achar uma amiga que morava perto, no bairro. Ela conseguiu, sabe? A menina que adicionou ela.

Brasileira ou japonesa?

Japonesa.

Como você avalia esta experiência hoje? Pontos negativos e positivos.

Considero mais pontos positivos, né.

Mas eu gostaria que você falasse se tem algum ponto negativo. E se tem mais pontos positivos, quais são?

Ai, nossa!!! (Pensou) Negativo?

Positivo eu considero assim: Como são duas culturas muito diferentes, eu acho que acrescentou bastante. A gente mistura bastante as duas culturas, tipo a educação e isso foi um ponto positivo que o Japão tem. Eu aprendi bastante coisas, ajudou bastante. Nossa...

Negativo você não tem nenhum? Você não achou nada ruim, disso tudo que aconteceu? Você pularia alguma parte? Qual parte você pularia? Entendeu?

Eu acho que no Japão as pessoas são muito fechadas. Eu gosto bastante desta parte daqui, que em qualquer lugar que a gente senta assim, conversa. Agora negativo? Não considero muita coisa negativa. Foi um bom aprendizado.

No geral foi bom pra você?

É. Ainda sempre estudei Português e Japonês, né? Me ajudou bastante em questão assim, de conhecer as duas culturas, a história.

Hoje você participa de eventos que envolvem a cultura japonesa?

Participo pra acrescentar mais algumas informações? Não sei se fala informação?

Conhecimento?

É conhecimento. Mas assim questão de participar mesmo. Não participo. Muito compromisso, né?

Na sua formação, na parte escolar, você acha que foi bom ou que atrapalhou?

É. Em algumas coisas afetou. Fiquei atrasada em algumas coisas, tenho algumas dificuldades que precisa estar superando a toda hora. Daí nesta questão é um pouco negativo, né? É ruim estar adaptado a um lugar e ter que sair pra se adaptar tudo de novo! Nesta questão, atrapalha um pouco, eu acho.

Mas ajudou em alguma coisa também?

Ajudou. Se eu tivesse morando só lá ai eu não conheceria o Brasil, não conheceria nada. E bom que a minha mãe também não deixou passar muito, né? (Tenta explicar e não consegue se expressar)

Da idade?

É questão da idade assim. Se tivesse ficado muito pra frente, se ficasse um pouco mais velho, acho que a gente não ia conseguir se adaptar aqui.

Então a preocupação da sua mãe e decisão, foi tomada numa hora certa?

É. Nessa parte me ajudou bastante. Apesar de que atrapalha bastante, trocar de país sem saber de nada. Porque a gente veio sem saber de nada! Começar do zero. Foi bem difícil.

Mas felizmente tudo resolvido hoje. E o seu processo até chegar à faculdade? Hoje você está no terceiro ano de Pedagogia. Como foi esse processo na escola depois que você se adaptou? Tranquilo?

Dificuldade. Tenho um pouquinho.

Mas ainda por causa desse começo? Ou você acha que se você estivesse sempre no Brasil ia ser diferente, alguma coisa?

(Ficou calada, pensativa).

Uma opinião pessoal sua.

Questão também na dificuldade de aprender, assim. Um pouco. Mas acho que dá pra ir superando assim.

Sim. Tanto é que você está aqui, não é? Mas você acha que teria sido mais fácil? Ou seria a mesma coisa?

Se estivesse desde pequena aqui acho que seria mais fácil, né. Porque não iria misturar muito. Tem hora que eu começo a misturar tudo! Começo a misturar as palavras. (Risos)

Você está com quantos anos hoje?

Dezenove.

Faz quantos anos que você já está aqui no Brasil?

Mais de dez anos. Treze...

E você ainda tem dificuldades com as palavras?

Tenho. Às vezes eu acho uma palavra em japonês e não consigo explicar em português. Ou às vezes eu começo né... Até minhas amigas sofrem, sabe? (risos) Fico misturando japonês. As palavras mais do cotidiano que eu tipo: Gohan (arroz)... Acaba saindo assim... Espontâneo. Gomenassai(desculpa), Arigatou(obrigada)...Acaba saindo tudo em japonês essas partes.

E na sua casa vocês falam em japonês?

Não. Tudo em português. A minha mãe também acha mais fácil. Agora, minha irmã... Acho que tem um pouco de dificuldade no português dela. Às vezes, nossa! O erre dela não sai muito bem.

Na dicção?

É que ela ainda continua usando o japonês no trabalho dela. Porque onde ela tá trabalhando agora só fala em japonês.

Onde ela trabalha?

Na Embrapa. Daí ela só fala japonês no trabalho. Então a cabeça... Ela tem mais dificuldade. Eu creio que ela teve mais dificuldade até na adaptação do que eu. Por causa que ela veio muito mais velha.

Foi mais velha pra lá e depois voltou mais velha pra cá.

Então por isso, né. Então ela teve mais dificuldades de adaptar aqui por causa que é uma pessoa mais fechada, sabe? Não costumava sair pra conversar assim, ficava mais quietinha, na dela. Era mais difícil de arranjar amigos, né?

E ela continua estudando também? Está na faculdade? Terminou?

Ela começou a faculdade esse ano. Ela estava tentando, mas não estava conseguindo passar.

Ela está fazendo que curso?

Letras, Inglês (risos).

Pra misturar um pouco mais?

É... (risos) que no serviço dela tá precisando, daí ela tá estudando inglês.

Ela já sabia Inglês?

Ela gosta bastante, só que tem bastante dificuldade, por causa do sotaque dela que é bem japonês.

“Miruko” (Leite em inglês: “milk” pronunciado em japonês).

É... Ela é bem... Fala bem japonês. Todo mundo confunde ela com japonesa. Em casa fala bem português, mas quando ela fala japonês todo mundo confunde. Até os japoneses que vem do Japão. Aí ela tem mais dificuldade que todos nós. A questão da escola mesmo ela não conseguia... Ela queria, por que queria voltar pro Japão. Ela gostava muito mais da escola de lá. Do ensino ela achava muita diferença. Lá é mais adiantado, a questão da matemática, tem umas coisa que ela aprendeu na terceira série aqui que ela já tinha visto lá na primeira, segunda série. Então ela era bem mais adiantada em relação aos outros alunos.

Vai desmotivando, né? Por que vai vendo coisas repetitivas. Entendi.

Então é isso Érica. Muito Obrigada.

Entrevista 2: Márcia

Que motivos levaram você e sua família a irem para o Japão?

Nós fomos em 1992, naquela fase em que estava todo mundo indo. E pro meu pai, ele queria também uma oportunidade dos filhos estarem conhecendo o Japão. E eu lembro que naquela época nós fomos mais especialmente por uma razão, né, em relação ao meu avô. Que ele estava doente e o sonho do meu pai era leva-lo novamente pro Japão. Mais uma vez leva-lo pra terra natal dele.

E aí pro meu pai ir sozinho estava fora de cogitação. Então fomos todos. Foi meu pai, minha mãe, eu e mais dois irmãos mais novos.

E aí nós trabalhamos então em Hiratsuka, Kanagawa-ken. Ficamos um ano e meio e depois retornamos pro Brasil porque a saúde do meu vô tinha piorado. Chegamos e dois dias depois ele faleceu. Então aquele sonho do meu pai, que nós realmente, nós tínhamos juntado dinheiro pra leva-lo pro Japão, não deu pra concretizar. Mas por outro lado, possibilitou que meu pai pudesse comprar uma casa própria e ajudasse também os meus irmãos a concluírem a faculdade.

Naquela época, então quando eu voltei, eu aproveitei então para a minha colação de grau, porque eu fiz Educação Artística. Aí eu fiz a colação de grau e daí eu fui sozinha pro Japão. Então aí começa a minha história: Aí eu trabalhei na fábrica,

depois eu tive a oportunidade de fazer um arubaito (trabalho temporário ou extra), de fazer um trabalho extra, né? Numa pastelaria brasileira que era uma das únicas daquela região. E aí paralelamente trabalhei numa loja de produtos brasileiros, numa agência de turismo. E aí eu conheci meu marido. Aí nos casamos e ficamos em Fujisawa que era duas cidades vizinhas de Hiratsuka.

Casei e aí depois de dois anos, eu continuava trabalhando em fábrica, aí eu comecei a ter os filhos. Então eu tive a Bianca, depois de dois anos tive mais uma que é a Alissa e depois de mais dois anos tive o meu filho último, o Hideki.

Aí eu parei de trabalhar e me dediquei mais às crianças. Mas sempre o meu marido, ele comentava, que ele tinha vontade de voltar para o Brasil. Mas naquela época como estava tudo muito bem, né? O meu marido na verdade, ele não trabalhava em fábrica, ele tinha uma firma própria, na área de construção, então assim, financeiramente nós estávamos tranquilos. Então a gente não vivenciou aqueles... Ah... Demissões, de troca de apartamento, de serviço, de cidade... Não. Pra gente foi muito tranquilo, né.

E aí o meus filhos foram no Hoikoen, que é a creche. E quando a minha filha completou seis anos, cinco para seis, que lá no Japão entra com seis anos no primeiro ano, né? No fundamental. É que nós começamos a questionar: Olha, acho que a gente já tem que começar a direcionar como que vai ser a nossa vida.

As crianças... Como vir pro Brasil era uma coisa que sempre nós pensávamos. Então desde pequenininhos nós utilizávamos o português em casa. Porque o japonês eles já utilizavam na creche, né. Então nós achávamos importante eles terem as duas línguas. Então até o Hoikoen (creche), até os seis anos eles eram bilíngues, falavam as duas línguas.

Como a gente trabalhava o Português em casa? Os pais falavam português e através de muitos desenhos. Os desenhos nós alugávamos... Não alugávamos, não! Nós comprávamos né, os “piratas”, lá no Japão ou meu pai mandava pra mim os desenhos. Era Turma da Mônica, Mickey... Mas sempre falando em português.

Mas aí a minha filha com seis anos, houve essa preocupação: Nossa vai entrar no primeiro ano! E a minha região, era uma região que não tinha nenhuma escola

brasileira, então nós dekasseguis lá, não tínhamos outra opção. Todas as famílias colocavam na escola japonesa.

Então a característica assim, que a gente sabia que ia acontecer, é que o japonês ia ficar uma língua muito forte nos nossos filhos, né? E eu falo assim, o básico. Meu marido fala muito bem, mas eu falo o básico. Mas eu me preocupei com essa questão: E a minha comunicação com os meus filhos?

Mas até então era aquela preocupação... Porque eles eram pequenos ainda.

Aí como eu sou professora. Até o meu marido mesmo sugeriu: Márcia, porque você não alfabetiza a nossa filha? Porque a gente não sabe o que vai acontecer, mas será que não é interessante, né?

Daí eu falei: Não. É verdade, de fato, né! Vamos... Eu vou fazer um trabalho com a minha filha, dentro de casa.

Mas aí, foi bem interessante, porque eu “tava” sem trabalhar e aí eu comecei: “Ah! Eu vou alfabetizar a minha filha”. Aí os outros pais, quer dizer, o meu cunhado, a minha cunhada, amigos que também tinham crianças na fase escolar, começaram a perguntar se eu também não poderia estar alfabetizando elas. E aí eu até falei: “Nossa! Acho que eu vou dar aula! Eu vou começar a dar aula de alfabetização. Vou alfabetizar estas crianças”.

E aí eu montei uma turminha de seis crianças. Minha filha, minha sobrinha e mais quatro crianças de colegas. A minha filha falava bem português, as outras cinco crianças, não. Eles só falavam o japonês, mas entendiam o português porque os pais eram brasileiros. Já era um bom começo...

Comecei em casa, mas aí eu vi que o ambiente era muito importante, né. Então estar na minha casa, até pra minha filha não era muito bom. E aí lá no Japão, em cada bairro existe um espaço.

Um centro comunitário.

É um centro comunitário, onde tinha salas e era disponível aos moradores daquela região, desde que utilizasse para estes fins, fins não lucrativos.

E aí eu acabei então, pegando a sala. Então o esquema era: A crianças iam para a escola japonesa e depois, eles terminavam em torno de três horas da tarde e eles iam neste centro comunitário que era perto da escola, e lá eles tinham aula de português comigo.

Aí eu comecei alfabetizando, mas foi assim: Como alfabetizar uma criança que não fala o português? Então pra mim foi um grande desafio.

Aí assim, eles já vinham cansados da escola, né? E ter que aprender uma língua diferente... Se fosse naquele método tradicionalista ia ser muito complicado. Então eu comecei a trazer umas aulas bem dinâmicas e a ensiná-los primeiro, antes de escrever, a falar um pouquinho mais a língua portuguesa; através de atividades lúdicas, brincadeiras, muito teatro e neste teatro nós tínhamos que falar o português. Porque as crianças tinham vergonha de falar, né? E aí assim é que eu fui trabalhando.

Trabalhando com o aspecto lúdico pra despertar na criança o interesse em aprender o português...

Por que até então o interesse era dos pais, né?

Era dos pais. Não muito das crianças porque era muito fora da realidade deles, né? “Pra que aprender o português? Aqui eu não uso”. Só que eles sabiam. Tinham essa consciência de que os pais são brasileiros, né?

E aí eu falei assim: Mas como ensinar, né? Porque eu acredito que as crianças são assim: pra eles aprenderem eles tem que estar motivados. Aí abriu a porta, qualquer tipo de informação entra com mais facilidade. Então aí, eu tinha que despertar neles a vontade de aprender, de achar interessante aprender o português. E foi assim: Eu não tinha nenhum material didático...

Você tinha feito o magistério?

Já. Eu tenho o magistério. Eu dava aula antes de ir, né? E a Educação Artística, me ajudou nesta parte lúdica. Me complementou. E aí eu peguei alguns materiais que a minha mãe tinha mandado pra mim do Brasil e aí eu adaptei e comecei a dar aula. Como que foi essa aula? Foi bem interessante.

As crianças aprenderam a ler e a escrever? Aprenderam. Aprenderam o alfabeto? Aprenderam. Mas quando eu... Quer dizer... Eu já ensinei as letras, as palavras, todo mudo lê. Então nós tínhamos que entrar na parte gramatical. Aí que vêm os problemas, porque é muito diferente.

Aí eu tive que utilizar esses recursos de atividades lúdicas. Formação de frases... Brincando. Porque é difícil pra criança, é bem complicado, né?

Seria bom até você explicar assim, que a parte da formação das frases é ao contrário, né?

Exatamente. É ao contrário! Então pra eles foi bem complicado. Mas através das brincadeiras a gente conseguiu até que um trabalho bem interessante, né?

Mas era muito comum, até quando meus filhos voltaram pro Brasil era comum: “Minha pai”, “meu mãe”, então eles tinham realmente esta dificuldade. Verbalmente também falando, tinham muita dificuldade.

Aí um amigo meu da cidade vizinha ficou sabendo e ele sugeriu que eu fosse pra outra cidade. E aí foi uma loucura Cristiane! Por que... Vixe Maria! A história é grande...

Pode contar!

Era uma cidade que tinha muitas famílias brasileiras, muitas crianças e eles ficaram sabendo do meu trabalho...

Que cidade?

Hiratsuka, que era duas cidades vizinhas, né? E aí naquela época minha irmã trabalhava numa loja de produtos brasileiros e eu sempre ia lá e eu tinha visto sempre uma salinha que eles jogavam as coisas lá, guardavam né? Daí eu montei um projetinho e fui conversar com o dono que é brasileiro. Aí eu pedi assim, que eles de repente disponibilizassem aquela sala pra mim, pra eu montar uma sala de português.

Daí ele disponibilizou essa sala pra mim. Aí eu encontrei com algumas pessoas que trabalhavam em empreiteiras e essas empreiteiras como tinham muitas famílias

brasileiras, sabiam do projeto... Eles contribuíram com carteiras. E outro amigo meu cujos filhos se matricularam comigo, me deu um quadro negro.

Aí um dia. Como era em uma loja de produtos brasileiros. Então os bancos, né? Banco do Brasil, Banco Itaú, sempre vai nesses lugares pra abrir conta pro pessoal... E aí eu conheci uma pessoa do Banco Itaú e ele falou: “Márcia. Olha que legal! Você sabia que o banco disponibiliza certa quantia àqueles que tem projetos voltado pra educação e pro esporte? Por que você não manda um projeto?”

Aí eu mandei.

Naquele tempo era voluntário ainda? Ou você cobrava alguma taxa?

Até então... Eu cobrava uma taxinha pra mim. Porque eu tinha custos. Mas eu nunca pensei assim em ser uma renda. Mas depois que eu fui pra Hiratsuka eu tive que me organizar. E aí o Banco Itaú, ele patrocinou, quer dizer, ele comprou todos os materiais pedagógicos que eu precisava. Então eu contatei uma professora amiga aqui em Londrina. Ela fez pra mim uma seleção, ela colheu assim dados e selecionou um material que estivesse assim voltado pra minha realidade.

Então era um material de alfabetização, que tinha muitas figuras, muitas brincadeiras, atividades não tão tradicionalista, embora o método tradicional seja o que funciona para eles, tá? Sabe o caminho suave? É o que mais se adaptou mesmo. Mas eu precisava de outros tipos de materiais, com historinhas e principalmente com figuras. Isso era muito importante: palavra e figura.

E aí eles me deram um dinheiro que eu pudesse então estar trazendo, quer dizer, buscando no Brasil todo esse material pedagógico. Livros infantis, livro para o professor, apostilas e aí eu consegui assim.

E foi bem interessante. No final das contas, assim, nós... Eu junto com uma amiga. Por que eu iria precisar de mais professora... Aí abrimos.

No primeiro dia vieram sete mães conversar com a gente e matricular. Resumindo, em um ano de trabalho nós começamos com sete, no final das contas estava com cinquenta alunos.

E essas crianças, elas entravam e davam continuidade ou era rotativo?

Todas que entraram ficaram até o final do projeto. Mas eu vou explicar o porquê o projeto acabou também.

Aí naquela época, os pais trabalham o dia inteiro, você sabe né? Na fábrica.

E o horário na escola japonesa, era de manhã, almoçavam lá e voltavam lá pelas três horas da tarde. Então as crianças voltavam pra casa e elas nunca tinham os pais. Então elas levavam as chaves, e ficavam sozinhos.

Muita autonomia, né?

Autonomia! E aí eles ficavam até a noite esperando os pais chegarem. E como era nesta loja de produtos brasileiros, então o que eu tive que fazer? Eu tive que ir buscar cada criança, levar na minha sala de português, dar a aula e levar de volta pra casa. Por que os pais não tinham condições e eu tive que fazer isso. A princípio eu comecei a fazer com meu carro, mas como o número cresceu demais, né, e aí um dia eu comentando com algumas mães, aí tinha um brasileiro que ele tinha uma... Ele vendia.. Fazia trocas de carros, fazia esses rolos. Aí ele me deu uma van, ele acabou me dando uma van. E com essa van, nossa! Era uma loucura!

Aí eu tive que trocar... É... Cada dia da semana eu tive que então colocar uma turma, com características diferentes. Por exemplo: Nível de português, idade... Foi muito complicado eu dividir as turmas. Mas o atendimento era quase que individual. Eu levava a atividades coletivas, mas o atendimento eu tinha que fazer quase que individualmente. Então as salas. Eu fazia salas de seis crianças, seis comigo e mais seis com outra professora.

Então nesta época tinham outras professoras?

Tinha mais duas que me ajudavam. E foi assim... Foi bem interessante, as crianças nunca faltavam, as mães comentavam que eles só ficavam esperando chegar a aula de português. Mas isso também é porque as crianças tinham interesse. Eu via que muitas delas tinham interesse em aprenderem o português.

Vai do estímulo da família...

Por causa da família! Dos pais, né? Mas também aconteciam várias histórias! Algumas extremamente absurdas. Mas é o que realmente é a realidade deles lá:

Mães que não se comunicam com filhos pela falta... Por causa da língua, né? Então muitas mães tem que falar pro próprio pai, geralmente o pai fala melhor. “Olha fala pra ele... pro seu filho...” Então utilizando o pai como interprete. “Fala pra ele que eu não quero que ele faça isso, isso e isso...”. Aí o filho responde. Aí o pai: “Olha ele falou que é isso, isso e isso...”. Então olha só o que estava acontecendo!

E os pais... Eu acho que essa foi uma das coisas que pegou muito o dekassegui, é a ganancia. Eu não sei se você vai concordar comigo, tá?

Sim. Houve uma inversão de valores...

Exatamente. Então por isso que muitos a principio foram pro Japão às vezes pra adquirir uma casa...

Temporariamente.

Temporariamente... Mas daí assim a ganancia começou a falar mais alto. “Ah eu vim com o objetivo de comprar uma casa. Comprei. Agora quero mais uma... Não, agora eu quero um carro... Agora eu quero não sei o que”... E aí foi ficando. O que a gente viu nesta nossa experiência é que os pais sempre colocavam a parte financeira, as suas ganancias a frente dos seus filhos, da educação, das necessidades dos seus filhos. E hoje eles pagam esse preço. Isso daí é evidente. Então a maioria dos adolescentes de filhos de dekasseguis hoje está numa situação bem complicada no Japão. Não é verdade?

É por isso inclusive que eu resolvi pesquisar sobre esse assunto. Por que agora, ainda mais com essa crise, tem muitos que não imaginavam que teriam que voltar...

E agora estão vindo! E não se prepararam pra isso. Então não prepararam seus filhos, então que está pagando hoje são os filhos.

E muito deles não tem realmente noção. Por que como minha irmã trabalhava numa escola brasileira, ela via assim que às vezes os pais resolviam vir embora no final do ano e a criança estudou a vida inteira numa escola japonesa. “Vamos em dezembro” e em julho coloca numa escola brasileira! E a criança tem que aprender tudo em seis meses por que tem que voltar pro Brasil.

Daí: “Agora você tem que ir pra escola brasileira”. Isso por que a gente vivia numa cidade que tinha as duas opções. Eles colocavam na escola japonesa por que sairia mais barato, por que ficava o dia inteiro. Não tem aquele negócio de meio período e período integral que dá diferença de preço na escola brasileira, que é particular. Mas a partir do momento em que se decidia voltar para o Brasil, eles não tinham noção de quanto tempo que a criança... Que não é automático, não é você estalar o dedo e a criança vai sair falando português, e a cobrança é em cima da escola, viu?

E não é só isso... Eu acho que muito mais do que o aprendizado é a parte psicológica.

Também.

Isso é que tá pegando bastante em relação a todos que estão voltando. Essa dificuldade de adaptação, principalmente dos mais velhos, né? Quanto mais idade, mais difícil. Ainda mais pré-adolescente e adolescente que tem aquelas características de ser aceito pelo grupo. Não é verdade? Eles tem esse momento difícil, não é?

Mas é assim. São mil coisas, mas aí sim... Olha só que interessante. Trabalhando com eles, vendo os erros dos pais, né, quer dizer, é muito fácil ver os erros dos outros, mas é difícil ver os nossos. Mas refletiu nos nosso próprio erro. Então o que nós estamos fazendo com os nossos filhos? Será que não é a mesma coisas que hoje eu critico? Essa minha visão critica dos outros pais, e aí quando a minha filha estava na terceira serie, com nove anos. Aí sim. Nós resolvemos então voltar para o Brasil.

E o motivo foi?

Olha não foi financeiro. Porque o meu marido estava super bem. Era mesmo uma questão de preservar as crianças. Tá? Basicamente foi isso. Porque foi uma decisão muito difícil, porque olha só... Nós... Como eu te falei, meu marido tinha uma firma própria! Imagina. Não vou mentir pra você, o que ele recebia por mês era o que um dekassegui que trabalhava numa fábrica ganhava em três meses. Então financeiramente...

Poderiam estar bem lá?

Não! Muito bem! Nós não tínhamos preocupação nenhuma. Então quando a gente decidiu voltar pra cá, nós sabíamos que tínhamos que abrir mão desse lado financeiro.

Meu marido foi super jovem pro Japão, ele foi com dezessete anos, então ele só terminou o segundo grau e foi. Então ele não tinha nenhuma formação universitária, nenhum emprego, assim... Nenhuma área, nenhuma profissão...

Eu ainda era professora, né? Eu tinha me formado, depois eu fui. E imagine né? Meu marido já estava com quarenta e eu lá com meus trinta e poucos anos, né... Então a gente sabia que a dificuldade de entrar no mercado... Muito difícil! Com três filhos no Brasil. Né? Porque várias vezes a gente voltou, então a gente conhecia muito bem a realidade do Brasil.

Vocês vinham pra passear?

Pra passear. Sempre passeando, depois de alguns meses a gente ia embora.

No total quantos anos você ficou lá?

Fiquei quinze. E meu marido vinte e poucos...

Daí os filhos vocês tiveram...

Nasceram lá. Todos lá. Os três.

E quando vocês voltaram qual a idade deles?

Aí a minha filha voltou com nove, a do meio voltou com seis para sete e o meu pequeno com cinco. Cinco pra seis... Por que eles têm diferença de dois anos.

E aí então... “Então vamos planejar”. Eu acho que o segredo é o planejamento, tá? Por que eu nunca fiz... As coisas até que caminharam bem pra gente, comparado com outros amigos. Mas eu acho que é pelo planejamento que você faz, tá... Porque é bem complicado mesmo. Você tem que pensar em mil coisas. Então lá no Japão, eu já tive conhecimento da escola Megumi, que é onde eu dou aula hoje. Qual é a característica desta escola? A filosofia dela é japonesa, então lá nós temos

professores de descendência japonesa, nós utilizamos o japonês no nosso cotidiano.

Todas as professoras são descendentes?

Todas não. Mas a maioria. Tem algumas professoras brasileiras, mas que também utilizam as palavras japonesas lá dentro. Nós não chamamos de professora. Nós chamamos “sensei”. As crianças quando vão tomar água: “Sensei! Omizu nomimono desuka? (Professora! Posso tomar água?)” Eles têm que falar em nihongo, japonês...

“Konichiwa”, (boa tarde) né? Então as professoras brasileiras, elas se esforçam e utilizam também as palavras chaves em japonês. Mas por exemplo, eu dou aula na Educação Infantil. Educação Infantil, todas nós somos japonesas. Porque a gente canta, né. Os pais... É uma das disciplinas a língua japonesa e aí no fundamental nós temos algumas professoras brasileiras.

Então aí de lá. Eu conversei com meu marido e daí eu conversei com a escola pelo telefone, lá do Japão e eu vi que pros meus filhos talvez, seria a escola ideal. Por que aí não sentiriam tanto aquele baque. Por que é diferente! Cristiane... Muito diferente, viu.

Aí assim: Voltamos e a minha filha como ela já foi alfabetizada, ela conseguiu entrar na série dela mesmo. Ela não precisou voltar. Então ela entrou na quarta série.

A minha do meio... Ela sim. Era da segunda série, mas eu, por opção minha, eu pedi que ela fosse pra primeira série. Eu estava começando já um trabalho de alfabetização, mas o problema da minha filha foi psicológico. Então segunda série pra ela... Ela se sentiu assim: “Meu Deus! Todo mundo já sabe ler e escrever, eu não...” Quer dizer, segunda série hoje no Brasil já faz interpretação de texto e tudo mais, né? Então pra mim, resguardar esse lado psicológico, pra ela não sentir tanta pressão... Pela característica dela, que ela é muito preocupada com estas coisas. Eu preferi realmente... Então... É... Deixar ela na primeira série e acompanhar porque ninguém sabia mesmo. Então todo mundo começa no mesmo processo e foi excelente pra ela.

Aí o meu filho foi pra Educação Infantil. Como o meu filho tem uma personalidade muito solta, na verdade a gente fala que ele nunca se enquadraria ao Japão. Ele não tem nada de japonês. É brasileiro mesmo. Conversa com todo mundo, não tem vergonha. Pra ele foi mais fácil.

Quem sofreu mais? Minha filha mais velha.

Vivenciou mais a cultura.

Exatamente. Foi bem difícil. E ela tem uma personalidade tímida. Ela tem dificuldade de chegar às pessoas e tudo mais. Então é assim... Bom... De lá pra cá, são três anos. Primeiro ano ficou no Megumi, foi muito bom pra gente. Aí no outro ano, como a Bianca já estava na quarta série e lá não tem quinta série, aí eu coloquei todos eles na escola Educativa, uma excelente escola. Eu gostei muito também. Mas aí já era uma escola com outra característica, era totalmente brasileira e foi riquíssimo pra eles. Por que ali tinham poucos japoneses, mais brasileiros. Todos falando a língua portuguesa.

Você procurou mudar gradativamente?

Eu acho isso foi interessante, né? Aí ficaram lá um ano. A minha filha novamente com muita dificuldade na interpretação de texto. Mas aí a escola... Eu acho que a escola é muito importante, a mãe sempre tem que estar conversando com os professores, sempre pedindo mesmo: “Olha, você pode, por favor, ajudar o meu filho?” Esse é o papel da escola. Eles não podem falar: “Não! Não vou ajudar”.

Mas também precisa o interesse da família, né?

A família tem que cobrar. Porque a escola tem que sentir. “Esses pais, eles estão de olho na gente”. “Eles são exigentes”. Eu acho muito importante. E foi assim maravilhoso, mas a minha filha também com dificuldades, muito tímida...

Aí no outro ano. Foi o ano, que o meu marido então, se preparava para voltar. Então eu voltei primeiro com as crianças, pra estar cuidando deste processo de adaptação, escola... E ele continuou lá, por causa do financeiro. Por que nós não tínhamos casa, nem nada.

Então eu comprei uma casa. Eu tenho uma casa própria, mobiliei a casa e comprei um carro. Que eu acho que eram as coisas hoje no Brasil, básicas, mas necessárias. Não ter que depender de aluguel, ter um carro que hoje é necessário, né? E eu falei... “Vou aproveitar enquanto ele está lá”. Por que nós sabíamos que quando ele voltasse, íamos começar do zero.

Aí quando nós conseguimos tudo isso, e aí então a gente decidiu, está na hora de voltar, porque as crianças sentiam falta do pai e eu estava começando, já a ficar estressada sozinha, era muita coisa pra mim, né? Aí eu falei: “Olha eu acho que está na hora de voltar, né”? Na verdade sempre foi a ideia não ficar muito tempo.

E então nós, já sabendo que a situação ia ficar complicada, aí nós conversamos e chegamos à conclusão que no ano seguinte as crianças iriam sair da escola particular. Por que eram três! Iam pra escola pública.

Foi bom? A escola particular é boa? Muito boa! Então deu medo de colocar na escola pública. Mas a escola pública também trouxe uma bagagem muito rica para os meus filhos. Até então tudo era muito facilitado pra eles, eles tinham de tudo e aí então, este contato com crianças de diferentes níveis sociais foi muito importante pra eles. Por que eles aprenderam que: Assim como existem aqueles que têm muito, existem aqueles que têm pouco. E isso mudou muito os meus filhos. Eles mesmos chegaram para mim e diziam: “Mãe, não quero levar os meus lápis do Japão”. E eu falei: “Por quê?” Eu falei... “Ah! Será que estão roubando?” Por que a gente pensa... E acontece! Mas eu achei interessante que não foi isso. Eles falaram assim: “Mãe, eu quero ser igual a eles. Eu fico com vergonha de ter lápis tão bonito e o meu amigo, não”.

Às vezes nem tem, né?

Nem tem. “Então eu quero o lápis igual ao do meu amigo!”

Que bonito!

E aí começaram... Mudou! Mudou bastante. E depois a gente sempre preparava eles. “Olha, daqui a pouco vai estar difícil a nossa vida.” Sempre! A gente sempre coloca o nosso lado financeiro de uma forma assim que não choque, mas que eles estejam sempre conscientes de como está a nossa situação financeira, né? “Olha o

pai vai voltar, nossa! Ele vai ter que procurar um emprego. Então o dinheiro vai ficar um pouquinho difícil.”

Mas para eles o mais importante era ter o pai perto. Então: “Mãe, não! A gente economiza!”. E foi bem interessante. Então essa visão desse outro mundo... É uma coisa que a escola particular não permite. Outra coisa, escola particular, por que os pais pagam, eles têm o costume de colocar muito a mão na cabeça das crianças. A criança está com dificuldade: “Ah! Espera aí que nós vamos ajudar!”. É bom. Mas ao mesmo tempo não cria na criança, no aluno aquela capacidade... Autonomia, reponsabilidade que foi onde os meus filhos adquiriram na escola pública.

Por que lá até o meu filho ficou chocado, porque ele teve um problema lá, que um amigo dele empurrou e ele foi falar pra tia: “Tia! Ele me empurrou”. E a professora, nem sei quem foi, chegou pra ele e falou assim: “Ai... Que eu posso fazer?”. Enquanto que na escola particular a tia: “Ai... Não deixa! Vamos chamar o amiguinho. Amiguinho, não pode fazer isso! Ó, vamos pedir desculpas”. Não é verdade? A gente faz isso! Eu faço isso, mas eu estou na escola particular. Mas na escola publica não. Realmente os professores...

Isso funciona mais na Educação Infantil e em alguns lugares...

Em alguns lugares, mas o esquema de escola pública hoje no Brasil é esse. Eles não têm mais... Infelizmente, não têm essa estrutura. Eu não estou falando que não tem professores que ajudam. Ajudam, mas é diferente. Isso aí é uma realidade. E aí o que aconteceu? O meu filho hoje, ele se vira muito bem. Ele odeia que chame ele de japonês. Daí um dia ele chegou e disse: “Eu sou japonês, sim. E daí? Qual o problema?”. Então ele aprendeu a se defender por si mesmo. Isso foi uma coisa muito positiva. Ele se fortaleceu.

E aí assim... Paralelamente a isso, eu acho que todo mundo que volta do Japão, tem que tomar bastante cuidado. Por que no Brasil, nós temos uma comunidade japonesa, que de certa forma preserva a cultura, que é pra eles... Igual a gente fala... “Ah nosso país é o Brasil!”, né? “Nós somos brasileiros”. Mas eles não entendem isso. Por que pra eles a língua mãe, o lugar deles é o Japão. Porque é a única realidade que eles conhecem. Não sei se você entende? Eles nasceram lá!

Entendo! E eu acho que uma dificuldade grande... Não sei se os seus filhos passaram por isso? Como eles nasceram no Japão. Como explicar que eles são brasileiros nascidos no Japão?

Eles dizem: “Eu sou japonês” E eu digo: “Não vocês são brasileiros”. “Não, mas eu não nasci no Japão?”, né... Então realmente, existe isso na criança. Eles questionam muito isso... Até entenderem, né?

Mas assim... O que me ajudou bastante Cristiane... Foi o fato de eu chegar e já entrar na comunidade japonesa. Aí então o meu marido é de Okinawa(um estado, província japonês), a gente entrou na associação de Okinawa.

Minha família é de Yamagata (outro estado japonês). Eu participava quando era criança.

Ah é? Eu acho isso importante! E assim a gente participa de karaokê, undokai (gincana)... Tudo! Durante os dois primeiros anos, eu não trabalhava né? Por que eu não tinha condições mesmo de trabalhar, mas a gente corria assim... Nunca parávamos em casa, porque tudo o que tinha pra participar... Qualquer tipo de evento, nós estávamos lá. Então pra eles isso é importante e hoje eles têm um grupo de amizades muito bom. Eu considero muito bom por que eu acho muito importante pra eles, né? Ter esses grupos de associação, né? Grupo de Taikô(Tambor- música japonesa)... Mesmo os amigos do Megumi, até hoje eles são amigos. É bom porque a gente conhece a família e muitas famílias têm a mesma característica que a minha. Estiveram no Japão, voltaram né? Então eu acho que isso foi uma coisa paralela que a gente não pode deixar de ir atrás, sabe?

E quando vocês estavam no Japão e você falou: “Vamos embora”. Qual foi a reação deles?

Foi bem... Não tive problemas. Tipo: “Ah! Não quero!”. Por que a gente sempre conversou com eles. A gente sempre preparava. “Olha a gente vai embora um dia pro Brasil, por que lá está a batian(avô), o ditian (avô), né? Vocês têm vários primos.” E como eles já tinham vindo várias vezes pro Brasil, eles já conheciam um pouquinho. Então foi... Também eu acho que pela idade... Até os nove ou dez anos ainda você tem um poder mais forte em relação às crianças, né? Por isso os pais tem que pensar muito esse negócio de idade. Passou dos dez, onze anos... Quando

entra na pré-adolescência, eles já têm uma opinião própria, eles já têm um grupo de amigos, né? E aí vai pesar isso também. Então a palavra deles vai acabar pesando... Eu acho que fica mais difícil.

Mas eles ainda eram criancinhas, né? Ainda era tudo do jeito que a mamãe e o papai querem. Mas vieram conscientes.

E quando eles chegaram?

O que aconteceu foi o seguinte. Durante muito tempo eles sempre perguntavam pra mim se iam voltar pro Japão. Sentem muita falta, saudades... De tudo! Comida, do que eles faziam, eles lembram né? Comparam bastante isso não tem como... Aí é assim. A filha de doze anos. Hoje ela está com doze, ela fala: "Mãe, eu tenho tantas saudades do Japão!" Ela sentiu bastante! Muito! Até hoje ela tem dificuldades.

A gente sente, né?

Nós sentimos falta, né? Ah... Lá é muito bom! Mas assim... Aí, o importante é você colocar pra eles, que existe sim a possibilidade de voltar. Porque isso dá um... Dá animo pra eles. Por que, imagine, você gosta de alguma coisa e a pessoa fala: Nunca mais você vai comer, ou nunca mais você vai ver. É difícil, né?

Então eu falei: "Um dia você poderá sim voltar. Existe uma grande possibilidade de você voltar Bianca. Eu não desejo que seja como dekassegui (Eu também nem sei se na época dela ainda vai ter, né.). Mas, existe uma forma, que é através dos intercâmbios. Você quer ir? Você vai ter que estudar né?" E aí é isso que motiva.

Então ela faz sabe aquele nihongo... Tipo... Aqueles testes da língua japonesa?

Proficiência?

Isso! Tem todos os anos, né? Todos os anos ela quer fazer! Tá indo na aula de japonês, no nihongako, é bom sempre continuar, né? Então assim... Esses sonhos que ela tem de um dia voltar pro Japão, é que ajuda ela a suportar toda a saudade que ela tem. Porque nós deixamos alguns familiares lá. Em especial ela, deixou uma prima que tem a mesma idade. Então elas nasceram no mesmo ambiente, por que nós éramos vizinhos. Cresceram juntas, e tiveram que se separar. Isso pras duas foi muito difícil.

Essa minha sobrinha, ela tentou voltar pro Brasil, só que ela estava em São Paulo. Mas aí eles não aguentaram... Quer dizer... Mais a mãe, tá? Por isso que é importante os pais... A mãe e o pai estarem muito firmes na decisão. A mãe... Ela voltou, mas ela nunca quis voltar... Ela sempre quis ficar no Japão. Então já voltou contrariada. Aí entrou um dia um ladrão na casa dela, daí já foram embora. E a filha ainda pediu: "Não mãe! Vamos ficar!". Por isso que eu falo: Pai e mãe tem que ter as decisões muito fortes. Porque senão... Quer dizer, a menina estava no Japão, voltou, estudou um tempo, teve que voltar novamente, né? Então pra ela foi difícil. Agora não. Eles compraram uma casa e vão ficar lá.

Então pra minha filha ela sente muita falta. As duas sentem muita falta uma da outra.

Mas mantém o contato? Hoje é mais fácil, né?

É. Tem internet, essas coisas, né? Mas é complicado, mas eu acho que no final das contas, então... Essa expectativa de que um dia ela poderá voltar, é o que eu acho que ajuda ela a superar as coisas que ela está passando agora.

E como vocês avaliam esta experiência hoje? Pontos negativos e positivos de tudo isso.

De tudo isso? Olha... Eu procuro sempre ver mais pontos positivos do que negativos. Então pra mim foi bom ter ido pro Japão? Foi ótimo, né? Foi bom, né Cristiane? Tudo que a gente vivenciou... Como a gente volta diferente!

Não só na parte financeira, né?

Não só na parte financeira, não é? As coisas que a gente aprendeu... E hoje eu vejo que no meu trabalho... Como eu fiquei bastante tempo lá, e a gente observa bastante, né? Assim, o japonês, ele tem um sistema, né? É bem rígido nas firmas sabe? Hierarquia... O respeito com seu chefe, etc... Por isso que é um país super organizado, não é? Você vê assim... Banco... Você vê o atendimento deles. Essas coisas... Japonês não atrasa! O respeito que eles têm assim com clientes, né? Tão diferente do Brasil, não é verdade? Mas por que você já foi lá e vivenciou, quando você volta, você procura então fazer a mesma coisa, não é?

Chupa bala e guarda o papel na bolsa... (risos)

Isso! Não fica jogando papel de bala! Olha! Até hoje a gente tem o costume de pegar os chicletes, embrulhar no papel e guardar. São detalhes! E isso é o que a gente tem mais de rico. E por exemplo, hoje eu sou professora e tudo o que eu observei dos professores do Japão, que eu achei legal, bom! Hoje eu repasso isso pros meus alunos. Eu acho que é positivo. Então; Respeito ao professor, organização, é... Cuidado com as coisas. Japonês tem muito cuidado com as coisas. Não desperdiça! Nossa isso daí é incrível.

Até hoje eu lembro, Cristiane. A minha filha na escola, eles almoçam lá. E um dia a professora, eles tinham comido acho que arroz, a aí ela... A professora pra ensinar os alunos, ela chamou todos os alunos e falou: "Olha você vão pegar do Tchawwn, né (do pratinho de vocês), cada grãozinho que sobrou de arroz e eles juntaram e conseguiram fazer um "onigiri"(bolinho de arroz). Aí ela exemplificou: Olha o desperdício de vocês, olha... Dá pra alimentar uma pessoa!

Depois disso Cristiane, até hoje, a minha filha não deixa um grão de arroz no prato. Ela não deixa resto de comida, assim. Sabe? Ela limpa. Às vezes ela está cheia, mas é uma coisa que incutiu na criança. E isso é o que eu procuro fazer com meus alunos. Por que aqui é um desperdício, né? Meu Deus! Como eles desperdiçam comida! E não tem essa consciência, de que tem gente passando fome... Sabe essas coisas, assim? Desperdício de dinheiro, de tudo, né? E é uma coisa assim... Que a gente faz...

Então. Esse é um ponto positivo. Os meus filhos também. Muitas coisas em termos de caráter, eu acho que foi graças à formação que eles tiveram no Japão. Por isso que entra em conflito aqui? Principalmente a minha filha mais velha? Entra bastante! Por que ela se sente muito diferente dos jovens daqui, dos pré-adolescentes daqui. Mas é graças a esse caráter, a essas coisas que ela aprendeu... O que é certo e o que é errado... Que ela é tão exigente consigo mesma. Ela é muito preocupada... Japonês não é preocupado em não incomodar os outros? Não é? Ela tem muito disso. Nossa ela é uma japonesinha assim, né? Mas ela entra em conflito Cristiane. Então na escola eu estou tendo problemas, então os amigos falam: "Ai, você é muito 'cdf', muito certinha, muito 'nerd'". E ela odeia! Ela falou assim pra mim: "Mãe eu odeio ser diferente!" e isso aí tá criando na minha filha um problemão! Um problemão assim, que eu digo, ela tá em conflito. Mas ela só consegue ainda... Ela

não se desviou do caminho ainda, né por que, você sabe? Nesta fase: “Ah Bianca vamos beber!” Tem isso... “Ah... Bebe um pouquinho!”. Criança de treze anos tem essa coisa: “Ah vou beber. Agora eu sou adulta. Ó eu bebo, hein!”. “Eh gente! Eu mato aula, hein!”. Eles acham bonito, né? Mas assim não é por maldade, é por que eles querem ser aceitos... É aquela fase da confusão, né? Dos conflitos, né? E das pressões.

Então eu penso que a minha filha não cedeu ainda às pressões até agora por que ela teve uma estrutura muito forte. Por que foi criada no Japão.

Então foi bom? Foi.

Muita gente que fala: “Ah você não acha que você demorou?” Ou: “Por que você não ficou mais um pouco? Pra ficar com uma condição financeira melhor?”.

Eu acho assim. Eu acho que eu vim na hora certa, por que foi uma decisão que eu tomei junto com meu marido. Não é? Então pra mim tá tudo bem. Foi difícil pra gente? Dificuldades? Foi. Mas meus filhos hoje se tornaram mais fortes, eles estão mais felizes, por que o Brasil tem esse outro lado muito bom. Esse lado da liberdade, de expressão, né? No Japão dificilmente alguém levanta a mão e fala: “Professora!” Lá não... Todo mundo é “Hay. Hay” (Sim. Sim)... E é assim Cristiane, né? Mas é o sistema deles, e aqui não as crianças têm liberdade de se expressar.

Eu não vejo pontos negativos. Não digo que nenhum... É que agora... O que me dói e ver minha filha sofrendo.

Ah sim. Mas você está sabendo lidar com isso?

Mais ou menos. É muito difícil. Mas isto são consequências de uma decisão que a gente tomou. Só que você consegue levar numa boa, porque é uma decisão que eu não me arrependo. Se eu tivesse me arrependido, daí sim eu acho que eu ia ficar me torturando, né? Mas eu penso... Eu também acho que eu teria outros problemas, por que ela é adolescente, né? Talvez eu tivesse outros problemas se eu não tivesse ido também.

Mas eu estou muito contente, eu acho que a dificuldade financeira... A gente tá super difícil financeiramente falando... Meu marido chegou, tá trabalhando como auxiliar administrativo nas obras na construção civil. Mas a gente achou que é legal

também. Ele não tem faculdade, ah com é que vai fazer? Agora a gente direcionou assim: Não tem faculdade, tá bom. Mas o que ele tem de bom? Essa bagagem de conhecimento na área de construção civil, que é diferente do Japão? É. Mas ele pode contribuir de alguma forma. Então ele está entrando nessa área, faz alguns meses só que ele tá trabalhando, né?

E faz quanto tempo que ele chegou?

Agora vai fazer seis meses. Aí assim... Recomeçando do zero mesmo. Financeiramente falando a gente ah... Tá numa dificuldade. Mas daí eu olho pra todo brasileiro... Todo mundo tá passando e todo mundo tá vivendo bem, né? Aí eu falo: “Ah, não! Acho que dá pra levar”. É isso!

Que mais?

E isso.

Ah é só isso?!

É que você foi... Eu tinha um roteiro aqui e eu fui acompanhando. Não sei se você viu que eu ia acompanhando aqui? E aí você foi falando assim na sequencia... Não quis interromper.

Ah é? Ótimo! Cristiane! Se eu puder te ajudar... Minha história é meio comprida, meio complicadinha... Não sei se vai poder estar te ajudando.

Muito! Obrigada!